PRISCILLA PEREZ DA SILVA PEREIRA

O PROCESSO DE ALCOOLIZAÇÃO ENTRE OS TENHARIM DAS ALDEIAS DO RIO MARMELOS/AM

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, área de concentração em Saúde, Desenvolvimento e Sustentabilidade, orientada pelo **Prof. Dr. Ari Miguel Teixeira Ott** para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente.

PORTO VELHO / RO
2010

COMISSÃO EXAMINADORA

_____

Dr. Ari MiguelTeixeira Ott

_____

Dr. Arneide Bandeira Cemin

_____

Dr. Edmundo Antônio Peggion

_____

Priscilla Perez da Silva Pereira

Porto Velho, de de 2010

Resultado:_____

À minha mãe, Ana Marisa
Ao meu esposo, Dauster

AGRADECIMENTOS

Aos Tenharim, na pessoa do Aurélio Tenharim, que permitiram a execução desta dissertação.

Aos professores Antônio Enésio Tenharim, Ivanildo Tenharim e Maria Inês (parenta) por me receber e facilitar meu contato com os Tenharim.

Aos moradores das aldeias do rio Marmelos que me receberam com toda hospitalidade característica dos Tenharim.

Ao Prof. Dr. Ari Miguel Teixeira Ott por me iniciar nos caminhos das ciências sociais.

Aos amigos Mônica e Vinícius; Elis Regina e Paulo que me receberam em suas casas me fazendo sentir acolhida e descansada em dias intensos.

A Denise Cheavegatti pela amizade.

Ao Professor Edmundo Antônio Peggion pela leitura atenta e valiosas contribuições.

A um desconhecido que andou a segunda milha por mim mesmo sem me conhecer e foi decisivo no processo seletivo do mestrado.

A minha mãe pelos pensamentos positivos que mesmo distante divinamente me atingiram.

Ao meu esposo que foi meu *fiel escudeiro* durante todo o período do mestrado.

A Universidade Federal de Rondônia, ao Núcleo de Ciência e Tecnologia e ao PGDRA.

Aos servidores da FUNAI de Humaitá, na pessoa do seu Administrador Regional, Valmir Parintintin.

A empresa de ônibus Eucatur pelo auxilio no transporte.

Aos servidores da FUNASA de Humaitá, na pessoa da Sra. Marisa.

Precisamos do outro para, em síntese, poder nomear a barbárie, a heresia, a mendicidade para não sermos, nós mesmos, bárbaros, hereges e mendigos.
(Duschatzky e Skliar)

LISTA DE SIGLAS

AIS – Agente Indígena de Saúde

AISAN – Agente Indígena de Saneamento

CASAI – Casa do Índio

COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OPITEM – Organização do Povo Indígena Tenharim

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

SPI – Serviço de Proteção ao Índio

SUDAM – Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TI – Terra Indígena

RESUMO

Os Tenharim do rio Marmelos são falantes da língua Tupi-Kagwahiva. Em 2010 eram 272 sujeitos divididos em quatro aldeias ao longo da rodovia Transamazônica, um dos projetos de desenvolvimento da região que teve e ainda tem grande impacto sobre a comunidade. Uma das modificações na forma de viver decorrentes da construção da estrada foi a introdução das bebidas alcoólicas na década de 70, do século. Desde então a forma de consumo e a valorização do uso do álcool vem se modificando, caracterizando-se como um processo influenciado por fatores sócio-econômicos, políticos e culturais. Visando compreender esse processo, o objetivo desta dissertação foi analisar a alcoolização entre os Tenharim do Marmelos demonstrando a inter-relação entre o contexto sócio-cultural local, a história das relações interétnicas e os modos de consumo de bebidas alcoólicas. O método utilizado foi o etnográfico e os 73 participantes da pesquisa foram escolhidos por conveniência formando assim uma rede de sujeitos que eram capazes de valorizar o uso de bebidas alcoólicas entre os Tenharim. O trabalho de campo foi realizado no período de seis meses, com quatro viagens, utilizando-se as técnicas de observação participante, registro em diário de campo e entrevistas estruturadas que ao serem analisadas definiam as próximas etapas da pesquisa. Entre os principais resultados destaca-se a atualização da descrição de aspectos culturais quanto a sua permanência ou modificação. A forma como os Tenharim bebem foi marcada pelo seu caráter social, estando relacionada principalmente a um rito de passagem masculino e com regras bem definidas pelas famílias com seus mecanismos de proteção e controle. A alcoolização foi apontada pelos Tenharim como sendo uma característica encontrada principalmente entre os jovens que se encontravam em uma posição de liminaridade. Na análise das falas dos indígenas e não indígenas envolvidos no processo de alcoolização entre os Tenharim do Marmelos, foi possível notar que o consumo de álcool vem sido discutido entre os envolvidos mas, com diferenças quanto a definição como um problema, fato este que fragmenta as ações desenvolvidas contra o consumo abusivo de álcool definido por eles principalmente como falta de responsabilidade. Eventuais ações que visem o controle da alcoolização devem ler em consideração o fortalecimento social da comunidade para que seu desenvolvimento se configure como sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Alcoolização. Tenharim. Amazonas.

ABSTRACT

The Tenharim from Marmelos River are Tupi-Kagwahiva language speakers. In 2010, they were 272 individuals in four villages along Transamazônica road, one of the projects of development of the region which had a great impact on Tenharim community. A change in their way of living due this project was the introduction of alcoholic drinks in the 1970s. From then on the way of consuming and the valorization of the alcohol use are modifying, being characterized as a process influenced by social economic, political and cultural factors. Aiming to understand this process, the objectives of this dissertation was to analyze the alcoholization process among the Tenharim from Marmelos River, demonstrating the inter-relation among the social cultural local context, the history of interethnic relations and the ways of consuming alcoholic drinks. The method used was the ethnographic and the 73 participants were chosen by a not random way and by convenience, forming, in this way, a net of individuals who were able to value the use of alcoholic drinks among the Tenharim from Marmelos River. The field work was done in a period of 6 months, with four voyages, in which it was used the method of observation participant, field diary register and structured interview, which when answered would define the new steps of the research. Among the main results of the research, there is the update of the description of cultural aspects on its permanency or modification. The way Tenharim drank was mark by its social character, related mainly to a male rite of passage and with rules well defined by the families with their mechanisms of protection and control. The binge drinking was identified by Tenharim as a feature found mainly among young people who were in a position of liminality. In the analysis of the speech of the indigenous and non indigenous involved in the process of alcoholization among the Tenharim from Marmelos River, it was possible to notice that alcohol consumption has been discussed among them, but with differences about the definition of it as a problem, fact that breaks up the actions developed against the abusive alcohol consumption defined by them mainly as lack of responsibility. Any actions aimed at controlling the ethanol must read account of the social empowerment of the community to set its development is as sustainable.

KEYWORDS: Alcoholization. Tenharim. Amazon.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12

1 OS TENHARIM 19

1.1 A ESTRUTURA DAS ALDEIAS DO MARMELOS 19
1.2 ASPECTOS DA CULTURA TENHARIM 27
1.3 LAZER E FESTAS 29
1.4 COTIDIANO E DIA DE FESTA: UM RELATO ETNOGRÁFICO 30

2 MÉTODO 46

3 O CONTATO 56

3.1 O CONTATO COM AS BEBIDAS ALCOÓLICAS 58

4 COMO BEBEM 63

4.1 QUANDO BEBEM 64
4.2 ONDE BEBEM 65
4.3 O QUE BEBEM 66
4.4 COM QUEM BEBEM 67
4.5 O ACESSO AS BEBIDAS 68
4.6 A RELAÇÃO DE GÊNERO 69
4.7 A IDADE PARA O CONSUMO E A RELAÇÃO COM O RITO DE PASSAGEM MASCULINA 70
4.8 AS REGRAS PARA O CONSUMO 72
4.9 A POSIÇÃO DA FAMÍLIA 75

5 OS SUJEITOS 78

5.1 COMUNIDADE DE HUMAITÁ 78
5.2 OS TENHARIM DO MARMELOS 83
5.3 O CONSUMO DE BEBIDAS ALCÓOLICAS DE A RELAÇÃO COM A DOENÇA 92

CONSIDERAÇÕES FINAIS 96

REFERÊNCIAS 101

LISTA DE FIGURAS

Fig.1 Aldeias do Marmelos 21
Fig.2 Área externa de uma residência Tenharim Marmelos II 31
Fig.3 Escolas das aldeias do Marmelos 32
Fig.4 Escolas das aldeias do Marmelos 32
Fig.5 Entrada da Aldeia do rio Marmelos - Pedágio 33
Fig.6 Casa da farinha – Marmelos II 34
Fig.7 O descanso após o almoço na *onga'y* 34
Fig.8 Rio Marmelos 35
Fig.9 O churrasco 37
Fig.10 Recepção aos Parintintin 38
Fig.11 Os times 39
Fig.12 A organização do almoço 40
Fig.13 Entrega dos presentes aos Parintintin 42
Fig.14 A dança 42
Fig.15 Representação da identidade Tenharim 44

INTRODUÇÃO

Exposição de desenhos sobre os Tenharim.
Crianças do nono ano.
Marmelos, outubro de 2009.

INTRODUÇÃO

Nascida no sul de Minas Gerais, o que eu sabia sobre os índios era o que está no imaginário da maioria das pessoas: a figura de uma criança (para dar mais emoção ao fato) inocente com uma tanga feita de palha e um pena na cabeça, correndo pela floresta com seu arco e flecha. Contrariando minhas concepções sobre quem era o índio, a primeira vez que vi um indígena, ou que foi-me apresentado como tal, era o ano de 1997. Ao conhecer sua familia, pareceu-me não haver nenhuma diferença entre nós e eles. Em uma visita à aldeia da sua familia, etnia Kaingáng, na cidade de Tupã, interior do Estado de São Paulo, vi as malocas construídas tradicionalmente com cobertura de palha, mas estas não serviam como moradias. Eram utilizadas apenas para fins de turismo. Ao lado das malocas estavam as casas de alvenaria onde as famílias moravam.

Ao mudar-me para o Estado de Rondônia no ano de 2003, novamente entrei em contato com grupos indígenas, mas desta vez me pareceram extremamente diferentes de mim, em suas roupas, pinturas e forma de comunicar-se. Em meu imaginário, apesar de estarem de roupas, fato que para mim tornava confusa a identidade desses índios, mesmo assim despertaram uma certa curiosidade.

Durante a escolha do tema para trabalho de conclusão do curso de enfermagem, pensei que gostaria de conhecer mais sobre aqueles índios. Ao ir para as aldeias dos Cinta-Larga pela primeira vez, o que parecia ser igual demonstrou ser infinitamente diferente. E nessa impressão de estar perto e estar longe compreendi o que Darcy Ribeiro (1982) escreveu sobre o impacto da civilização nas populações indígenas, afirmando que os índios permanecem índios, ainda que seja verdade o fato que exista uma transfiguração étnica, mas nunca uma assimilação total.

Permanecendo o interesse pelas comunidades indígenas, esta dissertação visou continuar esclarecendo inicialmente a mim mesma sobre este *outro*, o índio. Mas nessa aventura, quando há uma aproximação entre o pesquisador e a comunidade, eu também me tornei objeto a ser conhecido pelos índios. Frente ao desejo de continuar na temática indígena, faltava definir de que ponto partiria para a minha jornada, e me despojando de um sonho utópico melhor seria que fosse de preferência algo grandioso e quase messiânico.

Porém, a construção desta dissertação demonstrou a limitação do pesquisador frente a riqueza encontrada quando se conhece o outro. A tentativa de fazer um trabalho completo sobre os Tenharim foi um desejo que não pode ser alcançado. O que será apresentado neste trabalho é uma sombra, como descreve Clifford Geertz (1989), uma imagem desbotada do real. Uma tentativa de tentar contribuir para uma reflexão sobre quem é o Tenharim nessa dinâmica ambígua, ora tradicional, ora globalizada.

As populações indígenas sempre foram alvo de interesse para os pesquisadores do Velho Mundo. Mais do que estudar essas comunidades, os europeus viam no ato de conhecer os índios americanos, a possibilidade de entender a sua própria origem. Atualmente, o interesse pela temática, além de tentar trazer respostas de como se configurou a construção do eu social, também visa discutir problemas relacionados a essas comunidades. Esses problemas são decorrentes principalmente dos contatos entre as sociedades e as alterações no meio ambiente devido ao desenvolvimento, que assim como na sociedade em geral, tem tido grande impacto na forma de viver.

A preocupação com as questões indígenas no Brasil se intensificou a partir de 1990, não só porque os direitos humanos foram alvo de muitas discussões, mas principalmente devido à preocupação com as condições ambientais – clima, diversidade da fauna e flora. E dentro destas discussões "a reavaliação da existência do índio, a descoberta do valor de sua cultura para o mundo contemporâneo e uma articulação inédita desta com a cultura tecno-científica" (SANTOS, 1994, p.31).

Segundo dados da FUNASA (BRASIL, 2009), o país contava com cerca de 550 mil índios em mais de 4.400 aldeias distribuídas em 24 estados e 432 municípios. A população indígena, nas aldeias, era distribuída em 615 terras indígenas (64,2% regularizadas e 18,5% ainda em estudo) em 107.000.000 de hectares (12,6% do território nacional). Conforme Langdon (2001) no estado do Amazonas encontram-se 25% dos indígenas do país (3,2% da população total do estado) e Roraima é o estado com maior proporção de população nativa (10,4% do total).

Aproximadamente 50% da população indígena está localizada na região Norte, seguindo-se as regiões Nordeste (20%), Centro-Oeste (17%), Sul (10%) e Sudeste (3%). Cada índio pertence a um grupo com denominação própria e a representação desses grupos varia conforme o tempo histórico e a visão de quem os avalia. Porém, antes de realizar uma abordagem específica sobre os Tenharim é interessante proporcionar uma visão geral sobre os povos indígenas da região de Rondônia e Sul da Amazônia, local onde os sujeitos desta pesquisa estão inseridos (BRASIL, 2009).

Conforme Verdum e Moreira (2003), a principal necessidade enfrentada pelos indígenas desta região é a melhoria na qualidade de vida da população, principalmente no que se refere ao território, os recursos naturais, atividades produtivas e segurança alimentar.

No âmbito da saúde, de modo geral, as comunidades indígenas enfrentam maiores desafios relacionados a doenças infecciosas e parasitárias. Porém, entre estas doenças as com maior incidência são: tuberculose, malária, hepatites e parasitoses intestinais que são agravadas pelas condições precárias de saneamento nas aldeias. As doenças não transmissíveis também devem ser citadas como novos desafios a serem enfrentados pelos que prestam assistência e pela comunidade. Os relatórios da FUNASA, IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e pesquisadores apontados ao longo desta dissertação vêm apontando o alcoolismo como um dos problemas que mais afetam as aldeias. A relação da alcoolização como causa primária de doenças agudas e crônicas, acidentes, brigas, atropelamentos, suicídios e problemas sociais apontam a necessidade de intervenções nessas comunidades.

Entre os povos indígenas do Sul da Amazônia e o Estado de Rondônia, a escolha pela etnia Tenharim pareceu representar melhor do que as outras etnias a encruzilhada que se coloca entre o desenvolvimento e o meio ambiente, tema central do programa de pós-graduação.

A descrição do processo de alcoolização entre os Tenharim esta relacionado aos projetos de desenvolvimento na região de suas aldeias, projetos estes que trazem consigo significativas modificações, principalmente socioculturais. Assim, a alcoolização dos Tenharim não deve ser compreendida como uma ação isolada, mas sim como um indicativo de mudanças que podem interferir significativamente na manutenção da aldeia.

Os Tenharim fazem parte de um grupo que se autodenominava *Kagwahiva.* Eram falantes da língua Parintintin, da família Tupi-Guarani (MONSERRAT, 1998). Em 2009 a população era de 750 sujeitos distribuídos em três grandes reservas da Terra Indígena Tenharim: Marmelos, do Igarapé Preto e Sepoti, perfazendo 16 aldeias.

De fato, a área habitada por eles foi cortada ainda na década de 1970, pela rodovia Transamazônica, um dos mais mirabolantes projetos de desenvolvimento pensados para a região. A estrada, obra humana que seria visível do espaço, da mesma forma que a grande muralha da China, cortaria todo o bioma amazônico desde a cidade de Imperatriz no Maranhão até a cidade de Humaitá no Amazonas. No seu entorno, em

agrovilas planejadas, seriam assentadas nada menos que cinco milhões de famílias fugidas da seca nordestina. Ou seja, havia um raciocínio linear: terras com água para homens com sede.

Os Tenharim estavam no caminho e pagaram um alto preço pelo "desenvolvimento". Do grupo residente na área da Transamazônica formaram-se entre outras aldeias, a do Ytigyuhu, atualmente chamado por todos como aldeia do Marmelos, fazendo referência ao rio que cruza com a estrada onde estão distribuídas suas casas. A população da aldeia do Marmelos, comunidade escolhida nesta dissertação perfazia o maior conjunto de aldeias – quatro, com 272 sujeitos.

As informações prévias de uma das lideranças era que o uso abusivo de bebidas alcoólicas, com seu corolário de consequências negativas para os índios, havia ultrapassado o limite do tolerável. Assim, empunha-se o desafio de conhecer as causas e motivações da alcoolização na busca de possíveis alternativas para lidar com o problema. Em outras palavras, auxiliá-los na explicitação, para eles mesmos, sobre o aumento do consumo de bebidas alcoólicas na sua comunidade.

Como a ingestão de bebida alcoólica constitui um ato social, a qualificação do abuso, segundo Neves (2004, p.01) "nada mais é que a denúncia coletiva da transgressão das regras a ele inerentes". Se existiam regras que definiam a situação de alcoolização entre os Tenharim era porque o ato de beber não era sem significado. Assim, o objetivo desta dissertação foi a descrição do processo envolvido no ato de consumir bebidas alcoólicas, sendo necessário conhecer o que eles bebem, como e quando.

Mas apenas definir a forma do consumo não forneceria subsídios para compreender o processo como um ato social. Era necessário abordar os grupos que faziam parte do universo do consumidor de álcool, ou seja, o contexto social que o envolve, aqui representado pela aldeia Marmelos e a cidade de Humaitá.

O beber é um ato social pertencente a um contexto de valores, atitudes, normas, modos de classificação do tempo e concepções de realidade, muito frequentemente implícitos nos comportamentos referentes. Após a definição da escolha do tema era necessário encontrar a metodologia a ser utilizada para compreender o evento. Partindo dessa realidade o método etnográfico demonstrou ser o mais adequado, pois permitiu demonstrar a diversidade de modos sociais de ingestão de bebidas alcoólicas.

A discussão do tema alcoolismo no campo das ciências sociais tem se intensificado nos últimos anos. Segundo os autores Neves (2004) e Souza, Oliveira e

Kohatsu (2003) há uma necessidade de análise sobre o tema, que apesar de ser abordado pelo campo da biologia, psicologia e sociologia possui discussões fragmentadas e voltadas para o estigma da doença. A antropologia em particular, tem apontado para a diversidade de situações relacionadas ao consumo de bebidas alcoólicas o que contribui para uma discussão mais integral sobre o tema.

Visando alcançar essa elucidação quanto ao consumo de álcool entre os Tenharim, o resultado desta pesquisa foi organizado em cinco capítulos que compõem a tentativa de percorrer os caminhos propostos em estudos do tipo etnográfico, incluindo o delineamento da cultura; apresentação de narrativas que apontem a mentalidade da comunidade e descrição do comportamento por meio de observações detalhadas.

O capítulo 01 apresenta a organização e a cultura Tenharim por meio da descrição histórica sobre este povo, apontando os aspectos organizacionais, políticos, econômicos e culturais que estão em processo de modificação e os que permanecem sendo valorizados em sua forma tradicional. Neste capítulo também está o resultado da observação detalhada do comportamento dos Tenharim em dias tidos como normais e festivos, perfazendo assim um relato etnográfico.

No capítulo 02 encontra-se o delineamento desta pesquisa e a descrição do procedimento. O capítulo 03 refere-se à descrição dos contatos com os brancos; o impacto da construção da Transamazônica; como as bebidas alcoólicas foram introduzidas na aldeia e o caminho percorrido até a atualidade quanto ao consumo de álcool.

A descrição de como é realizado o consumo de bebidas alcoólicas entre os Tenharim, enfatizando o perfil do que consome, quando, onde e o que é consumido encontra-se no capítulo 04. Subsequente a este, no capítulo 05, está uma apresentação de dados construídos a partir das histórias contadas, das opiniões e do comportamento dos atores envolvidos no processo de alcoolização. É a interpretação do ato de consumir bebidas alcoólicas entre os Tenharim, compreendendo Clifford Geertz (1989), quando se referia ao ensaio etnográfico como uma tentativa de salvar o que foi dito, reconhecendo que esse não é o discurso social bruto, é uma pequena parte que os informantes nos levam a compreender. Assim, neste capítulo foram registrados os discursos que representam os atores envolvidos no processo, abrangendo as opiniões dos indígenas e não indígenas, formando assim um cenário sobre a valorização dada ao ato de beber.

A dissertação contempla as considerações finais, algumas de caráter prescritivo e referencias utilizadas como escopo teórico na análise do material de campo.

1. OS TENHARIM

Exposição de desenhos sobre os Tenharim.
Crianças do nono ano.
Marmelos, outubro de 2009.

1 OS TENHARIM

Apesar de serem conhecidos em reportagens como uma comunidade ligada à estrada Transamazônica e à polêmica do pedágio, poucos são os trabalhos científicos que se referem aos Tenharim. Nesta dissertação tem-se como base bibliográfica os escritos de Nimuendajú (1924) o primeiro a descrever os contatos do branco com os chamados, por ele, de "Cabahibas"; Menéndez (1992) com a primeira descrição específica sobre os Tenharim; Peggion (1996, 2005) escrevendo sobre o sistema de metades exogâmicas Kagwahiva; Sampaio (1997) em um estudo sobre a língua Parintintin (Tenharim); e Silva (2006) com uma descrição da cosmologia Tenharim.

Os Tenharim fazem parte de um grupo que se autodenomina Kagwahiva. Era um grupo maior aos quais os Tenharim, os Parintintin e os Jiahui pertenciam. Este povo Tupi teria migrado no século XIX do Alto Tapajós para o oeste do Amazonas devido a conflitos com outro grupo - os Mundurukú.

Devido aos conflitos com os não índios e entre os próprios grupos indígenas, os Kagwahiva se dividiram para duas áreas, a do médio rio Madeira, no estado do Amazonas, e a do alto rio Madeira e rio Machado, em Rondônia, respectivamente, *os setentrionais* e *os meridionais*. A partir de 1850, o etnônimo Kagwahiva desaparece e esse grupo é referendado como Parintintin (PEGGION, 2005).

O nome Tenharim passa a ser utilizado como referência aos guerreiros Parintintin setentrionais que lutavam principalmente contra os não índios. Os Tenharim do Marmelos se autodenominavam e eram conhecidos pelos inimigos como *Ytyngyhu*, nome dado ao local de sua aldeia à margem do rio Marmelos (PEGGION, 2006).

Em 2010 as Terras Indígenas (TI) Tenharim estavam divididas em três grandes reservas com um total de 750 pessoas: do Marmelos, do Igarapé Preto e do Sepoti.

A reserva Marmelos contava com onze aldeias, nas margens da rodovia Transamazônica- BR 230. Eram elas: Vila Nova - com 7 famílias (Km 120), Marmelos 1,2,3 e 4 (Km 123) com 48 famílias; Bela Vista (Km 125) 6 famílias; Tracuá (KM 130) com 1 família; Campinho (Km 135) - com 13 famílias; Taboca (Km 138) - com 4 famílias; Mafuí (Km 145) - com 11 famílias; Castanheira (Km 146) - com 6 famílias.

Na reserva do Igarapé Preto, na Rodovia do Estanho, estão as aldeias do Jacuí, Caranaí, Água Azul e Igarapé Preto.

E na reserva do rio Sepoti a aldeia do Estirão Grande, esta aldeia possui acesso apenas pelo rio, característica essa que torna difícil o acesso à cidade.

1.1 A ESTRUTURA DAS ALDEIAS DO MARMELOS

Os Tenharim possuem seus códigos de significados compartilhados socialmente e esses códigos vêm se transformando ao longo do tempo. Mas essa transformação não ocorreu de maneira isolada ou completa. O índio Tenharim encontra-se simultaneamente na tradição e na modernidade, ora em um processo de inserção de novas formas de viver ou lidar com as situações do cotidiano, ora mantendo tradições regidas por crenças e mitos.

As aldeias do Marmelos se configuram em quatro agrupamentos ao longo da Transamazônica e às margens do rio Marmelos. Conforme a figura 01, a aldeia do Marmelos I possui como estrutura casas que são de madeira e cobertas com palha. Essas casas estão distribuídas ao longo da aldeia e possuem como área externa anexa, uma estrutura coberta com palha e com as laterais abertas – *onga'y,* traduzido como casa pequena. Este local é destinado a ações como cozinhar, descansar nas redes e onde os membros da família se reúnem para conversar.

Além das casas há também duas construções de alvenaria utilizadas para atendimentos de saúde. A estrutura é formada por salas para assistência odontológica, microscopia, farmácia e repouso para os profissionais de saúde.

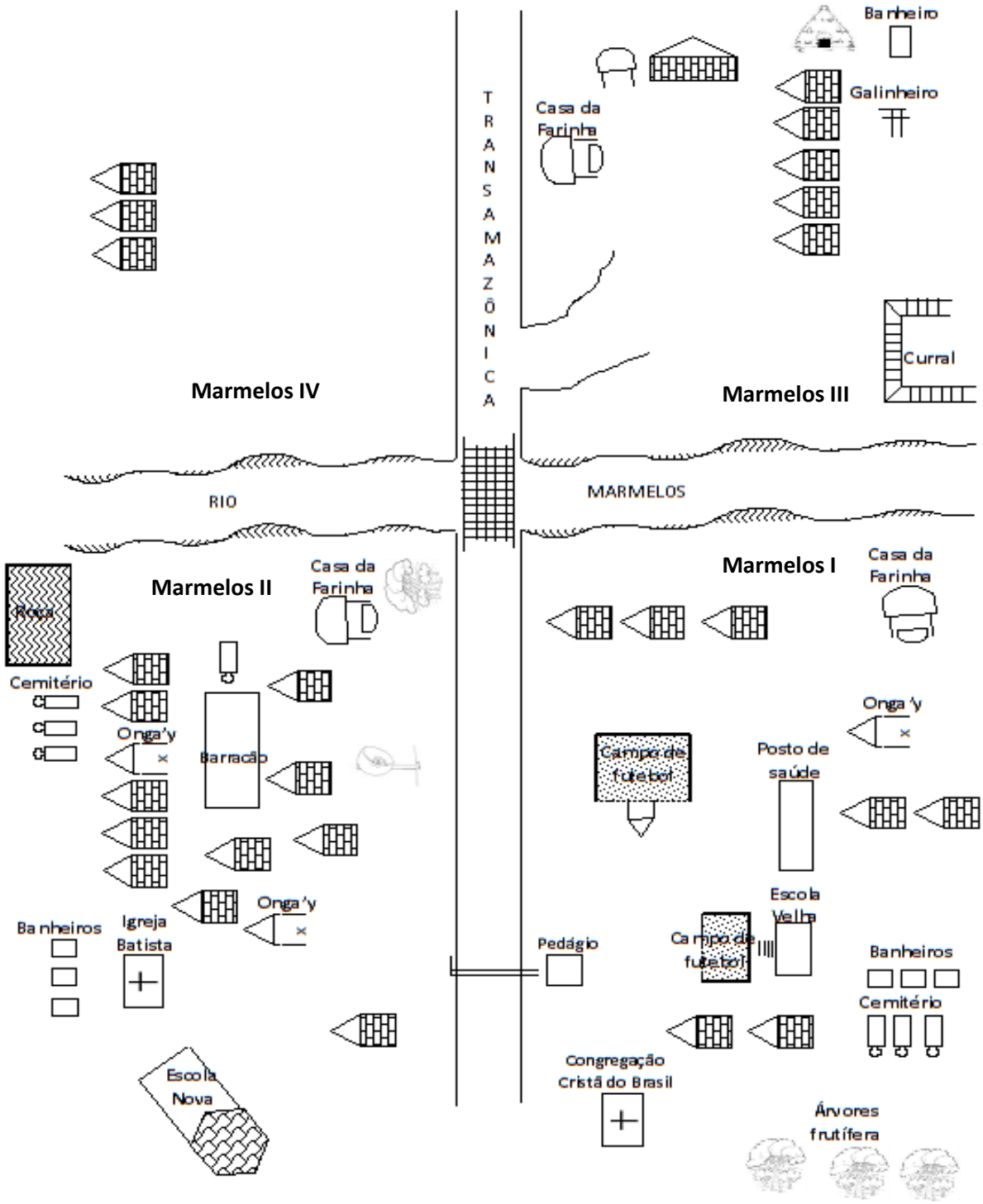
Nesta aldeia também há a primeira escola do Marmelos, construída de madeira e chamada de *escola velha.* Possui duas salas destinadas para aulas: no período matutino para as crianças e no vespertino para os jovens que estudam o equivalente ao primeiro grau. Além da escola há também um barracão destinado ao encontro da comunidade. Com televisão e cadeiras é utilizado pelos membros do Marmelos I e IV para assistir aos programas televisivos no período da noite como forma de lazer.

Nas aldeias Marmelos I, II e III encontram-se a casa de farinha para uso dos membros da comunidade. A farinha é torrada em um tacho grande de ferro que fica sobre uma estrutura de barro onde a madeira é queimada torrando assim a mandioca que é mexida com uma colher de pau.

Ao centro do Marmelos I estão dois campos de futebol. O maior possuí arquibancadas de madeira, cobertas com palha, sendo utilizadas pela platéia em dias de

competição e o outro menor, utilizado pelas crianças, possuí apenas a marcação do campo e as traves.

Figura 1 Aldeias do Marmelos



Fonte: Croqui do autor (2010).

Nas áreas adjacentes da aldeia encontram-se as roças, igreja, o cemitério e áreas reservadas como banheiros. A igreja do Marmelos I (ver figura 1) da denominação Cristã do Brasil é frequentada por membros das quatro aldeias do Marmelos. O local do cemitério é identificado por cruzes feitas de madeira, apontando assim para a concepção cristã sobre a morte. E nessa região periférica também se encontra uma área reservada aos banheiros que são constituídos por locais individuais e fechados de madeira.

A aldeia do Marmelos I, assim como as demais, possuem muitas árvores frutíferas plantadas pelos moradores, como o cupuaçu e as goiabeiras, também árvores ***do mato***, como biriba e tucumã, chamadas assim, pois já estavam naquela área desde a formação da aldeia.

A aldeia do Marmelos II, à esquerda da Transamazônica no sentido Humaitá-Apuí, também possui uma estrutura considerada mínima para uma aldeia. Além das casas há também: casa da farinha, roças, cemitério, escola e barracão de reuniões. Esta aldeia, entre as quatro do Marmelos, é a que possui o maior número de casas. Também é onde mora o cacique das aldeias Marmelos e o chefe de posto da FUNAI.

A escola do Marmelos II é de alvenaria e foi construída em junho de 2008. Esta escola possui duas salas de aula, uma sala com computador e a televisão, refeitório e cozinha. No período matutino é realizada a educação de uma turma de crianças, no período vespertino uma turma de jovens no que seria o equivalente ao primeiro grau e no noturno o ensino equivalente ao segundo grau na modalidade de ensino a distância - via satélite.

Próximo à escola encontra-se uma igreja de orientação Batista construída de alvenaria com capacidade para aproximadamente 50 pessoas. Mas durante a permanência do pesquisador na aldeia não ocorreram cultos em nenhuma das duas igrejas evangélicas. Os moradores informaram que nos fins de semana, que não ocorrem festas, alguns membros da comunidade se reuniam para celebrar o culto.

No centro da aldeia está o barracão onde são realizadas as reuniões e comemorações. Este barracão com cobertura de palha, chão batido e laterais abertas possui capacidade para cerca de 150 pessoas. A parte da frente era fechada e possui uma grande mesa de madeira e bancos utilizados para que as lideranças se apresentarem em dias de reuniões.

Chama a atenção um túmulo feito de azulejos, fora da área do cemitério, na parte central da aldeia ao lado deste barracão. Segundo as crianças era de uma idosa, mãe de um dos moradores da aldeia que escolheu ser enterrada próxima da sua casa.

Nas áreas adjacentes da aldeia, além das árvores frutíferas ***do mato*** há também a área de castanheiras e as roças de mandioca, batata doce e milho.

A aldeia do Marmelos III, demonstrada também na figura 01, destaca-se pela criação de animais: bovinos, suínos e aves (galinhas). Os animais são utilizados principalmente para o consumo do núcleo familiar e em pequena escala são comercializados. Nesta aldeia mora o vice-cacique, que responde pela comunidade na ausência do cacique.

E por fim, a aldeia IV, que pelo fato de ser constituída mais recentemente não está estruturada. Possui três casas e utiliza as estruturas como a casa da farinha do Marmelos III e as escolas no Marmelos I e II.

As aldeias são constituídas por grupos familiares que mantêm laços entre si, fato este decorrente do parentesco e dos casamentos. A aldeia também possui um único cacique e vice-cacique, o que contribui para a manutenção da reciprocidade entre seus membros. A aldeia do Marmelos I é referência para o atendimento de saúde, local para competições esportivas, para a escola. O Marmelos II se destaca por ter em sua área o barracão de reuniões, a escola, o telefone público e estar localizada na entrada da aldeia. Ao lado da Marmelos I definem o traçado da estrada da Transamazonica e possuem a a cancela do pedágio.

A maioria dos indígenas assalariados se encontra nas aldeias do Marmelos II e III, contribuindo para o aquisição de objetos, alimentos e a realização de melhorias nas residências. Este fato é determinante quando se compara os aspectos de subsistência e condições estruturais das aldeias. Na aldeia do Marmelos I foram encontradas famílias que relatam dificuldade financeiras, interferindo nas condições de subsistência e autonomia da mesma.

A relação de propriedade nas comunidades indígenas tende a ser aplicada de maneira diferente do que das sociedades não indígenas, sendo apresentada essa mesma dinâmica entre os Tenharim (SAMPAIO e SILVA, 1997). A terra, por exemplo, é vista de forma coletiva. As famílias podem utilizar a terra como desejar, distribuindo os recursos plantados ou extraídos entre os parentes.

Porém, a renda dessa comunidade passou a ser proveniente basicamente da cobrança de compensação pelas limitações do usufruto exclusivo da TI Tenharim e Jiahui – o pedágio. Ele foi implantado inicialmente, segundo uma liderança Tenharim, para forçar o Estado a indenizar os indígenas que possuíam as terras cortadas pela Transamazônica pelos mais de 40 anos de uso sem ressarcimento das comunidades

envolvidas. A implantação da arrecadação completou 4 anos em novembro em 2009. Durante o trabalho de campo nas aldeias do Marmelos a legalidade do pedágio ainda estava em discussão pelo Ministério da Justiça, que estava analisando o estudo de impacto das obras da Transamazônica realizado pela COIAB - Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira.

A permanência constante de pessoas no local do pedágio é definida por meio de uma escala, com cada grupo familiar ficando responsável por dez dias. O dinheiro referente aos dias em que elas trabalham na arrecadação é distribuído entre os membros da família e segundo os Tenharim, mesmo para aqueles que não permaneceram de plantão no pedágio. A quantidade de dinheiro a cada membro é distribuído conforme a idade e o papel social desempenhado na família, sendo assim a maior parte do valor fica para os adultos.

Outras fontes de renda para as famílias são os salários dos AIS (Agente Indígena de Saúde), AISAN (Agente Indígena de Saneamento), professores, funcionários da FUNASA e FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Em pequena escala, também é realizada a comercialização de produtos como a castanha, óleo de copaíba e sangue de dragão[1].

Os indígenas do Marmelos também cultivam macaxeira para consumo na forma cozida e mandioca para fabricação de farinha, milho, cará e batata-doce. A terra é cultivada principalmente pelos homens mais velhos da família. Porém, no caso da coleta de castanhas estas são separadas e cada família é responsável pela seu manuseio e recebimento do dinheiro proveniente da venda do produto.

Entre os Tenharim, a forma de caçar, pescar, plantar, colher, manter as casas e áreas adjacentes apontavam para uma mudança na realização desses afazeres principalmente entre os homens. Essa mudança reflete-se nas relações sociais dentro da aldeia. De modo geral, os afazeres domésticos como limpeza da casa, cozinhar, lavar as roupas e o cuidado das crianças são de responsabilidade das mulheres e elas são ensinadas a realizar essas atividades desde pequenas.

Já em relação aos homens, os jovens já estão desinteressados em aprender e desempenhar as funções masculinas de manutenção da aldeia. A queixa dos mais velhos, mesmo reconhecendo a importância da escola, os meninos passam o maior

[1] Seiva vermelha retirada da árvore *Croton lechleri* encontrada no Brasil, Equador, Colômbia e Peru. É utilizada pelos indígenas para proteção da pele, estancar sangramentos e acelerar a cura de doenças de pele (BRASNATUS, 2010).

tempo envolvido nos estudos. Conforme relatos, os jovens não sabem mais caçar e pescar, e para tê-los atuando na roça e na manutenção da aldeia é necessário um diálogo intenso, até mesmo realizando trocas pelo serviço, despertando uma preocupação entre os mais velhos em relação ao futuro. Os jovens Tenharim parecem ter como ideal de vida profissionalizar-se e desempenhar funções que proporcionem mais do que apenas a subsistência.

O aparente desinteresse dos jovens em aprender as formas tradicionais de subsistência, apontado pelos mais velhos em várias entrevistas, assim como o gosto pelos produtos comprados, fazem com que a caça e a pesca não sejam mais a única fonte animal de alimentos. Um fato que foi observado e relatado por alguns adultos é a preferência dos Tenharim por alimentos comprados como a carne de galinha e a sardinha enlatada, produtos provenientes da cidade ou da vila do Km 180.

Esse conflito existente entre os mais velhos e os jovens foi descrito por Alcântara (2007) como resultado de mudanças nas tradições e consequentemente na cultura. A autora ainda aponta que um dos motivos que levam a este fato é a criação de uma categoria social que era inexistente: os jovens solteiros. Essa nova categoria vive um processo de negociação cultural e apresenta novas formas de se expressar, fato este que será abordado nos próximos capítulos, correlacionado ao uso de bebidas alcoólicas e a mudança no rito de passagem masculino da vida infantil para a vida adulta.

As famílias podem ser classificadas como nucleares e extensas, mas as duas formas podem coexistir, permitindo que a lógica econômica da reciprocidade e do mercado vigore ao mesmo tempo (id. ibd.*)*

Entre os Tenharim encontram-se famílias nucleares, ou seja, os moradores de uma mesma casa, onde tudo que se ganha é repartido nesse núcleo, constituíos pelos pais e seus filhos moradores de uma mesma casa, como por exemplo, o almoço cotidiano. As decisões quanto o cumprimento de tradições, normas sociais ou formas de punição dos membros eram de responsabilidade desses núcleos, partindo dos homens mais velhos. E nessa relação entre os parentes, gira a maior parte das interações, a maioria das reivindicações, das obrigações, questões de lealdade e de sentimento. Entre os Tenharim, as famílias e os parentes possuem função de normatizar e fazer cumprir o que essa família acredita ser o mais adequado para os seus membros (PEGGION, 2006).

A repartição de bens entre os demais membros da família que não moram na mesma casa caracteriza a existência de famílias extensas, incluindo sogros, cunhados e

irmãos. Para a repartição da caça, por exemplo, todos estes parentes são considerados, porém, nem todas as ações giram em torno das famílias.

A organização política na aldeia também aponta para um processo de mudança: deixou de ser centralizada apenas na figura do cacique e passou a ser compartilhada por um grupo que discute e ajuda nas decisões. Este colegiado, composto principalmente por homens, é chamado de *liderança*, formado pelo cacique, alguns homens mais velhos que fazem o papel de conselheiros, professores indígenas, AIS e AISAN. Essas pessoas são escolhidas pela comunidade e os representam em aspectos importantes como a educação, saúde, projetos sociais e de desenvolvimento. Porém, o cacique ainda é uma figura de poder, detentor do conhecimento tradicional e é o porta-voz das decisões da liderança para a comunidade, assim como perante outros grupos indígenas e não indígenas.

Além do poder da liderança, os Tenharim do Marmelos possuem uma organização política que se estende para além do âmbito da aldeia. Entre as formas de representação legal está a Organização do Povo Indígena Tenharim, a OPITEM, a presença em cargos de liderança na FUNAI e FUNASA e as boas relações com as pessoas da cidade que têm ligação direta com a comunidade indígena. Um dos fatores determinantes para que os Tenharim se organizassem politicamente foi a existência da estrada Transamazônica cortando suas terras. Segundo as lideranças a única maneira de conseguir desenvolvimento para a comunidade era se capacitar em busca de autonomia e menor dependência das ações paternalistas do Estado.

Embora maioria do colegiado seja constituído por homens, há duas mulheres: uma professora e uma AIS, que devido aos cargos ocupados, possuem papel de relevância. Mas, essas mulheres, apesar do cargo, não têm a mesma influência dentro da aldeia quando comparadas aos homens. Este fato pode ser exemplificado na reunião marcada com a liderança para esclarecimentos sobre esta pesquisa. As mulheres não foram chamadas para a reunião e ao relacionar os líderes presentes só faltavam as duas. Esse fato pareceu demonstrar que no que se refere ao papel que desempenham, professora e AIS, são consideradas plenamente capazes, mas quando o assunto envolvia decisões para toda a comunidade, elas não estavam presentes.

Outro fato que exemplifica bem a situação das líderes Tenharim foram as duas comemorações que presenciei. A mesa composta pela liderança contava apenas uma mulher que era a coordenadora da educação indígena de Humaitá e não indígena. As mulheres durante os eventos comemorativos e reuniões mantiveram-se na função de

organização da alimentação, ornamentação, cuidado com as crianças e manutenção do bem-estar dos convidados.

1.2 ASPECTOS DA CULTURA TENHARIM

Os ritos e tradições aqui relatados são referentes a vários aspectos e foram registrados visando compor uma idéia geral sobre a cultura Tenharim. Neste item serão abordados o casamento, o rito de preparação das meninas, o funeral e a influência da religião. O cumprimento de seus mitos, ritos e tradições não podem ser referidos apenas como ações vazias. Estas manifestações culturais permitem "a inserção da humanidade no universo mais amplo" (GRUPIONI, 1994, p.75).

O *casamento na tradição*, quando os pais "arranjam" o noivo (a) para os seus filhos, fortalecia principalmente os laços políticos. As famílias decidiam com quem o parente deveria se casar ou não, decisão essa baseada em regras culturais relacionadas à divisão de clãs, relações com membros de outras etnias ou com não índios. Nas aldeias do Marmelos foi encontrado apenas um indígena que se casou com uma moça branca. O contrário, uma moça Tenharim casar-se com um rapaz branco, não é permitido na aldeia, *o homem branco vai querer mandar no índio e não tem amor pela terra,* segundo depoimento de um pai Tenharim**.**

Mas o casamento já não se configura como única opção para os jovens. A exemplo de alguns Tenharim que estão cursando nível superior nas cidades, o desejo da maioria dos jovens entrevistados nesta pesquisa é a possibilidade de continuar os estudos, provocando um movimento de migração dos jovens da aldeia para a cidade.

Já o rito de preparação para mulher é o período após a menarca em que a menina é isolada, por um período que pode variar de uma semana a um mês. Durante este tempo é necessário cumprir principalmente restrições alimentares e os cuidados com a pele – o banho com água de orvalho, o uso de plantas e óleos. Essa reclusão serve para a menina se desenvolver física e socialmente. Na tradição, quanto maior o tempo de reclusão melhor será para o desenvolvimento da menina. Assim, também o contrário, ou seja, a não observância do rito torna a menina mais fragilizada às mais variadas doenças.

Em relação aos ritos relacionados aos homens, os entrevistados disseram que não havia ritos de passagem para os meninos. Mas foi possível delimitar situações no cotidiano dos rapazes que pareciam marcar a passagem da infância para a juventude,

uma nova etapa que antes não era considerada existente pelos Tenharim, e posteriormente a vida adulta. Assim, são considerados jovens aqueles que estavam estudando, mas não são casados, não possui, portanto o papel de provedor da família.

A indicação de que um jovem já é adulto ocorre após o casamento, fato que também foi descrito por Alcântara (2007) entre os Guarani e Aruák. A partir da constituição de uma família, o homem passa a participar de atividades como a caça antes da M´Botawa e eventos sociais na aldeia, visando prepará-lo para assumir as atividades de liderança. Mas, antes mesmo do casamento, há um momento descrito pelos Tenharim que marca sua autonomia perante o grupo: é possibilidade de ir à cidade sem a presença de um parente mais velho. Este fato, por sua vez, parece ser determinante para o início do consumo de bebidas alcoólicas.

Partindo de um extremo ao outro, da formação da vida adulta e deslocando para o seu término, também há tradições para este momento. Quando há um falecimento na aldeia um parente, por exemplo, o cunhado é escolhido para levar o corpo. É ele quem cava a sepultura, em local escolhido pela própria pessoa antes de morrer, ou pelos parentes quando não manifestou em vida. O corpo é vestido com uma roupa, que pode ser a que o falecido mais gostava, ou uma nova peça oferecida pelo parente mais próximo.

Após um a dois meses da morte ou na M'Botawa, é realizada pela família uma homenagem ao falecido por meio do choro e lamentações. São feitos os agradecimentos ao que ajudou no enterro, que nesse momento ganha um presente. Segundo o relato tempos atrás esse presente seria um artesanato, que foi substituído por objetos chamados de *branco* como uma rede ou uma mala, que seria mais útil.

Segundo Villaça (2000), entre os índios da Amazônia a morte significa que a alma do índio estaria sendo chamada a voltar para o corpo do animal de quem ela foi emprestada. Ao perguntar aos Tenharim do Marmelos sobre este fato a resposta foi que como não havia mais o pajé, ninguém saberia fazer essa passagem ou resolver essas questões de espírito. Questionado sobre para onde os Tenharim iriam após a morte, a resposta foi que *o espírito vai para Deus,* indicando foram incorporados conceitos cristãos que resolvem da melhor maneira o problema. Com a perda do conhecimento sobre a maneira de lidar com os espíritos a resposta dada pelos missionários e pela igreja agora bastava para os índios.

Mas, apesar da presença de uma igreja evangélica ensinando que "a alma iria para Deus", pareceu-me mais uma daquelas situações onde é dito o que é esperado, mas

acredita-se no que se deseja. Exemplo dessa situação foi à descrição da presença de um espírito na aldeia chamado de *Anhangá*. Esse espírito poderia ser visto de longe, mas as pessoas nunca conseguiam ver o seu rosto. Os mais novos demonstravam apenas medo, referindo que o espírito seria um fantasma. Para os mais velhos, a *Anhangá* seria os espíritos dos que já morreram e ainda poderiam causar males para a comunidade e doenças para os sujeitos.

1.3 LAZER E AS FESTAS

A M'Botawa chamada pelos Tenharim como *a festa da cultura, ou tradicional,* se configura como alguns dias de comemoração que acontece entre os meses de julho e agosto fazendo uma conexão temporal entre o passado e a atualidade. Ao comemorar a morte, a vida e a transformação, havia um encontro entre costumes pretéritos como os cantos e a pintura e o acréscimo, por exemplo, de alimentos da atualidade, como biscoitos e sucos artificiais.

Ao todo a M´botawa foi descrita como tendo duração de aproximadamente 15 dias, que se distribuem entre a preparação e o final das comemorações, sendo que todas as fases devem ser seguidas conforme a tradição. Os convidados são os parentes das aldeias vizinhas que trazem suas caças como forma de colaboração. A troca de presentes como alimentos e tabocas[2] é considerada como sinal de reciprocidade visando a manutenção das boas relações políticas entre as aldeias.

Portanto, as festas apontam que as relações econômicas entre os Tenharim não são pautadas apenas pelo dinheiro. Significa também uma busca para se manter a união de dois ou mais grupos. Concordando com Mauss (2001), o doador se dá ao dar, e se ele se dá é porque ele se deve aos outros.

Uma semana antes da festa, grupos de 5 a 6 homens saem para caçar os animais que serão consumidos na comemoração. São trazidos apenas animais grandes como porcos, pacas, antas e veados devido à quantidade de carne. Diferente do que é relatado por Dal Poz (2004), na cultura Tenharim não são realizados sacrifícios de animais durante a festa, o que seria considerado, por exemplo, pelos Tupi-Mondé o clímax da comemoração, pois representa a morte dos seus inimigos e, portanto, a

[2] NA. Espécie de flauta de bambu de vários comprimentos e diâmetros que produzem sons de diferentes entonações.

soberania da etnia sobre eles. Mas o ato de caçar e consumir a caça é o que Peggion (2006, 149) cita como a "atualização de suas reflexões sobre o mundo contemporâneo".

Antes da comemoração, no dia da preparação, os corpos são pintados conforme o pertencimento clânico e os cabelos penteados com óleo de babaçu, que segundo os Tenharim é usado para deixar os cabelos bonitos e manter a cor escura. Os Mutunanguera têm a pintura no tronco anterior em formato das asas da águia de cor preta, as mulheres fazem a pintura em formato de círculos. Porém, os Taravé têm a pintura por inteiro no tronco e nas pernas em vermelho. Além das diferenças na pintura, as ações dos sujeitos se pautam respeitando os clãs. As mulheres Taravé só podem dançar e servir os Mutunanguera e vice-versa. Essa divisão na dança e no servir só ocorre no período de festas, normalmente entre os clãs há interdição sexual.

As atividades de lazer em dias não comemorativos ocorrem em função da programação televisiva, ouvir músicas em pequenos grupos e jogar futebol. As telenovelas passaram a ter grande influência no cotidiano, principalmente dos jovens, no que se refere à fala, danças e forma de se vestir. As meninas expressões ou bordões das novelas, assim como as danças também são imitadas com seus movimentos e sons, fato este também comentado por Silva (2006) em sua dissertação.

Além da televisão, as músicas em alto volume são ouvidas durante todo o dia pelos rapazes. A preferência dava-se por músicas eletrônicas (norte-americanas), bem como pelo forró e o chamado *brega* (música característica da região norte brasileira que mistura forró com letras românticas e ritmos mais lentos). Os DVDs de músicas norte-americanas e os cantores compõem uma moda que adaptada tornou-se própria aos Tenharim, caracterizada pelo estilo de corte de cabelo e a pintura de cores fortes, como louro claro e vermelho.

1.4 COTIDIANO E FESTIVIDADES NA ALDEIA: UM RELATO ETNOGRÁFICO

O relato etnográfico do cotidiano e das festividades serão descritos conforme o vivenciado pelo pesquisador nas etapas do trabalho de campo ao Marmelos. A primeira foi em função da posse de três indígenas como funcionários da FUNAI; a segunda em função da comemoração do Dia das Crianças e na terceira etapa não houve comemorações. Nas duas primeiras estadias a permanência na aldeia ocorreu antes e

depois das festas, sendo possível assim vivenciar também o cotidiano da aldeia, isto é os os dias da semana, portanto de trabalho e estudo, em oposição às comemorações ocorridas em finais de semana ou feriados.

A descrição aqui apresentada não teve como objetivo narrar apenas os atos de uma comunidade, mas sim o modo e o tipo do comportamento observado na realização dos atos visando que os fatos falem por si mesmos (MALINOWSKI, 1978).

Cotidiano

Apesar da utilização do relógio para determinar o início dos eventos, o nascer do sol ainda é o melhor marcador para as atividades cotidianas. No alvorecer é notado o movimento na aldeia; na *onga'y*, a fogueira é acessa para fazer o café e assar frutas sazonais. Alguns deitados nas redes iniciam as primeiras conversas do dia. As crianças andando ao redor das casas ainda com a roupa de dormir, uma senhora rastelando a área externa da aldeia e devagar as pessoas vão aparecendo no lado de fora das casas.

Em uma dessas *onga'y* está uma família, uns sentados nos bancos de madeira, um casal na rede e eu me sentei no banco em frente da rede. Logo me passaram o copo com café, uma vasilha de tucumã e outra com farinha para o café da manhã. A conversa é na língua e poucas vezes o português é utilizado, somente quando se dirigem a mim, não há correria nem pressa. Os movimentos são sutis e o observador pode ficar sentado embalado pelo som da conversa.

Fig. 2 Área externa de uma residência Tenharim – Marmelos II

Fonte: Priscilla Perez da Silva Pereira. Aldeia do Marmelo. Agosto de 2009

Depois de mais ou menos uma hora as crianças começam a se preparar para à escola. As mulheres e as adolescentes realizavam os afazeres domésticos: limpar a casa, lavar roupas e louças no rio. As aldeias do Marmelos possuem um aspecto agradável, a circulação entre as casas é livre e limpa de mato, sendo possível sentar-se embaixo das mangueiras e ficar um bom tempo olhando a dinâmica de trabalhos na aldeia.

Eu acompanhava esse movimento participando das idas e vindas ao rio ou simplesmente andando pela aldeia conversando na frente das casas. Na divisão dos trabalhos os homens são responsáveis pela preparação da farinha, pelo plantio nas roças e coleta de frutos. É também de responsabilidade masculina a compra de materiais e alimentos necessários para a manutenção das famílias e da aldeia.

Os AIS iniciam bem cedo a entrega de medicamentos e as visitas domiciliares. Os professores também começam as aulas para as crianças, no período matutino às 07h30min. Na escola os alunos são divididos em quatro salas de aulas, recebem educação bilíngue pelos professores indígenas, sendo três professores e uma professora.

Fig. 3 e 4 Escolas das aldeia do Marmelos

Fonte: Priscilla Perez da Silva Pereira. Aldeia do Marmelo. Agosto de 2009

À medida que o dia avança o ruído na aldeia também começava a crescer. Os rapazes em casa que possuem baterias como fonte de energia ligam o rádio e a televisão, tocando os mais variados tipos de sons sendo os preferidos forró e dance. Nos dias cotidianos que passei na aldeia, os meninos, diferente das meninas que se ocupam dos afazeres domésticos, realizam atividades muito específicas. Notei que há um maior período de ociosidade entre os rapazes quando comparado aos demais membros da aldeia. Eles andam de moto entre as aldeias ou permanecem no pedágio.

A mudança na dinâmica da aldeia, na forma de sustento, modificou também as responsabilidades dos rapazes. A caça, pesca e extrativismo, funções masculinas, não

são mais determinantes no sustento da família. Esse tempo sem atividades contribui para formação de grupos de meninos, que segundo relatos dos mais velhos, leva ao consumo de bebidas alcoólicas na aldeia mesmo em dias cotidianos.

A atividade que não se diferencia entre o cotidiano e os dias festivos é o pedágio. Seu funcionamento ocorre 24 horas. Na estrada da Transamazônica há dois pedágios em terras indígenas Tenharim. No momento do pagamento é entregue um recibo que será utilizado para comprovar o pagamento ao longo da estrada, não sendo necessário realizar o pagamento duas vezes quando em um mesmo trajeto.

Fig.2 Entrada da Aldeia Marmelos - Pedágio

Fonte: Priscilla Perez da Silva Pereira. Aldeia do Marmelo. Agosto de 2009 (Créditos)

No tempo que permaneci observando o pedágio e perguntei aos jovens que estavam ali se as pessoas aceitavam bem pagar o pedágio. A resposta foi que a população já está acostumada e acrescentam que as solicitações feitas ao governo federal para melhoria ao seu povo não foram atendidas, por isso o pedágio existe, como forma de compensar os prejuízos principalmente ambientais decorrentes da estrada.

O fim das aulas da manhã marca também o horário do almoço. O cardápio se alterna entre arroz, feijão, macarrão, peixe fresco, farinha, sardinha enlatada, carne de boi e frango. Dois funcionários da EMATER ensinavam receitas e variações para a farinha de mandioca, visando o enriquecimento da mesma, e a produção da chamada farinha de peixe.

Fig. 6 Casa da Farinha – Marmelo II

Fonte: Priscilla Perez da Silva Pereira. Aldeia do Marmelo. Agosto de 2009

Durante o almoço o som alto das músicas é substituído pelos programas da televisão. Nas casas Tenharim os aparelhos ficam na parte externa, sendo possível a quem quiser ter acesso aos mesmos. Após o almoço as famílias retomam as redes e os bancos para o descanso. As atividades para alguns são retomadas por volta das 14h00min, quando se inicia o período vespertino de aulas dos jovens.

Fig. 7 O descanso após o almoço na *onga'y*

Fonte: Priscilla Perez da Silva Pereira. Aldeia do Marmelos. Agosto de 2009

Mas, a maioria das atividades domésticas é retomada no final da tarde devido ao clima mais ameno. Com menos afazeres, era comum que no restante da tarde ocorresse

uma alternância entre momentos de conversas, descanso e as atividades como lavar roupas e louças no rio, trabalhar com a farinha e colher frutos.

As crianças acompanham as mães na ida ao rio e passam grande período nadando. As águas do Marmelos são frias e límpidas, as crianças desde pequenas aprendem a nadar. O banho de rio está presente no dia-a-dia principalmente das mulheres e crianças Tenharim.

Fig. 8 Rio Marmelos

Fonte: Priscilla Perez da Silva Pereira. Aldeia do Marmelo. Agosto de 2009

O final da tarde se aproxima. Quem estava no rio *já estava de banho tomado*. Prontos para a noite as mulheres começam a fazer o jantar, aproveitando a carne de caça e as raízes que estiveram na fogueira o dia todo, a comida servida também é à base de macarrão, arroz e carne.

Os parentes se reúnem nos locais com televisão e assistiam todas as telenovelas até por volta das 22h00min. Somente depois do final da novela o gerador é desligado e todos vão dormir. O conteúdo das novelas é discutido à noite e também durante o dia por homens, mulheres e crianças. As novelas possuem uma grande influência nas concepções de beleza, ideal de vida, amor, sexo e felicidade, principalmente entre jovens, que durante o dia citam os conteúdos das telenovelas, comparando-as às sua vida.

À noite, sem a luz elétrica proveniente do gerador, a aldeia silencia. Na luz das estrelas as imagens de claro e escuro ajudam a compor um ambiente propicio a ouvir histórias dos mais velhos. Até mesmo o mais incrédulo, em um local cheio de histórias e

mitos pode ter um pouco de receio da *Anhagá,* espécie de espírito que não pode ser visto, mas apenas ouvido e sentido que representa a premonição da morte.

Alguns grupos de rapazes ainda permanecem pela aldeia na área do pedágio, no campo de futebol ou embaixo de árvores, ouvindo músicas com o som à bateria até tarde. No outro dia alguns comentam que aquele pequeno grupo estava se divertindo, bebendo e conversando.

O cotidiano deixa de ter sua calmaria quando uma festa é anunciada. Os preparativos, as conversas e as expectativas transformam o ambiente e as pessoas e nada melhor para compreender esse processo do que estando presente.

Dia festivo

Participei de duas festas na comunidade Tenharim: a posse dos funcionários indígenas em cargos da FUNAI e a comemoração do Dia das Crianças. Aqui será relatada em detalhes a festa da posse, pois envolveu um contingente maior de pessoas e duração das comemorações.

A festa da posse foi oferecida pela promoção de um indígena ao cargo de chefe de posto da FUNAI. Os convidados eram os Tenharim das aldeias próximas e os Parintintin, já que haviam outros indígenas que iriam ser empossados naquela noite. O dono da festa é responsável por prover a comida e estadia de todos os convidados. Foi adquirido um boi, arroz, suco em pó e preparada a farinha de mandioca. Uma casa da aldeia que estava desocupada funcionou como local de hospedagem com os convidados instalando suas redes e alguns ficariam na casa de amigos e parentes.

A importância de uma festa não deve ser resumida apenas ao dia da comemoração. O dia que a antecede a preparação é importante para a compreensão de seu significado. Neste dia as atividades na aldeia ocorrem em um ritmo diferenciado. As ações visam deixar a aldeia bem apresentada aos convidados. O gerador é consertado, as áreas externas verificadas, o buraco para o churrasco providenciado, o salão ornamentado com balões e faixas e preparada a carne do churrasco.

Enquanto as mulheres ajudam na decoração do salão o comentário das meninas é quanto às roupas e os pares a serem escolhidos no concurso de dança no dia seguinte. Os meninos passam em motos de um lado para o outro, organizando os jogos, as músicas e as bebidas que seriam utilizadas desde a véspera do evento: afinal é dia de comemoração.

O sábado foi esperado com grande expectativa e preparações. Os jovens levam a caixa de som para o campo e tocava músicas das mais variadas, desde funk a internacional.

Os grupos estão formados. As meninas todas arrumadas, algumas mais vaidosas com maquiagem nos olhos estilo indianas, copiando a moda das telenovelas da época. Os meninos, com idade partir de 10 anos andando em bandos ao redor do campo de futebol fumam cigarros de modo incessante. Perguntei ao AIS sobre esse fato. Ele me disse que realmente cada vez mais era comum ver os meninos, ainda jovens, utilizando cigarros. Apesar de ser um fato que já havia sido reparado, não pareceu ser visto como um problema.

As mulheres, em seus afazeres domésticos, terminavam os últimos retoques para receber as visitas. A esposa do homenageado e suas parentas preparam o almoço. Os idosos conversam nas áreas externas às casas deitados nas redes. Os homens acompanham as conversas e organizam os times para a competição de mais tarde. E os responsáveis pelo churrasco desde cedo já assam a carne.

Fig. 9 O Churrasco

Fonte: Priscilla Perez da Silva Pereira. Aldeia do Marmelo. Agosto de 2009

As visitas Parintintin chegam para a festa na carroceria de um caminhão, sendo recebidos por um dos homens mais velhos postado no centro da aldeia com cocar e a taboca para recepcioná-los. É o momento de expressar, de acordo com a cultura Tenharim, as boas vindas aos convidados Parintintin, mesmo que feito por um homem solitário.

O seu canto melodioso, com frases repetitivas e um tom melancólico acompanham seu andar pela aldeia com passos largos e rápidos, como se quisesse fazer chegar a todos os cantos a sua voz de uma vez só. De acordo com o interprete a letra da música canta a alegria de receber os convidados na aldeia. Anuncia que pessoas importantes estão chegando e ao mesmo tempo saúda os visitantes.

Fig. 10 Recepção aos Parintintin

Fonte: Priscilla Perez da Silva Pereira. Aldeia do Marmelo. Agosto de 2009

Todos foram para o barracão de reuniões e sentaram-se enquanto o anfitrião continua a andar rápido e cantar, parando apenas no momento de tocar a taboca. Ao final da música rapidamente todos se dispersaram, alguns para o campo de futebol, outros para as casas, enquanto alguns ficaram arrumando as coisas na antiga casa do cacique pronta para receber visitas.

Outros convidados das aldeias mais próximas chegam no carro da FUNAI, pilotando as próprias motos e outros vinham a pé.

O movimento pela aldeia é intenso. Muitos rapazes iam em direção as margens do rio, o AIS me confidencia (e depois pude averiguar) que aqueles com mochilas traziam bebidas alcoólicas.

Os jogos de futebol iriam se iniciar as 9h00min. No momento do sorteio da ordem de disputa do jogo foram lidas as regras do jogo. Entre as regras comuns do futebol, chama a atenção aquela que proíbe a permanência no campo de pessoas embriagadas. Embora naquele momento não se constata-se a presença de pessoas alcoolizadas, a existência da regra parece indicar que em disputa de torneio anteriores havia tido indígenas alcoolizados.

Durante os jogos os times se dividem entre os Tenharim e os Parintintin, do mesmo modo que as torcidas. A maioria dos torcedores é composta por mulheres e crianças, enquanto os homens jogam. Quatro times se enfrentaram, identificados por seus uniformes padronizados por cores.

Fig. 11 Os times

Fonte: Priscilla Perez da Silva Pereira. Aldeia do Marmelo. Agosto de 2009

Com a agitação da festa e o aumento da temperatura é possível se refrescar com uma bebida gelada vendida por um comerciante que veio do Km 180 que traz um isopor com água, refrigerantes e mais tarde pude perceber que também cerveja.

Próximo do horário do almoço o campeonato chegava ao seu final e a torcida animada do inicio já não estava completa devido ao calor. Na área das casas os mais velhos estavam nas áreas externas conversando com os parentes. As mulheres cuidavam do almoço, sendo sua responsabilidade servir a todos de maneira a controlar a quantidade para que não faltasse para ninguém.

Os utensílios para a alimentação foram emprestados da escola da aldeia. O almoço foi servido primeiro às crianças e depois aos adultos. Os homens que jogaram no campo de futebol se refrescam no rio para depois almoçarem.

Fig. 12 A organização do almoço

Fonte: Priscilla Perez da Silva Pereira. Aldeia do Marmelo. Agosto de 2009

Durante a tarde as pessoas descansarem e conversarem, mas chama a atenção à constante movimentação dos rapazes de moto atravessando a ponte. Próximo à beira da estrada perto do rio, um grupo de cinco adolescentes utilizando cachaça. Já desde a manhã é possível ver grupos de rapazes afastados do campo e da área de casas utilizando bebidas alcoólicas. Na maioria, o consumo era realizado de maneira discreta, mas alguns jovens utilizam a cerveja de modo mais aparente, deixando as latas sobre as mesas ao redor do campo.

À medida anoitece percebe-se homens conduzidos pelas esposas ou andavam sozinhos pela aldeia com passo trôpego. Mas não se percebe alterações quanto à agressividade ou confusões. Porém, o comportamento discreto típico dos Tenharim, é substituído por condutas mais expressivas como gritar e falar palavrões. Para os que beberam muito ou tinham pouco costume de consumir o álcool a festa havia acabado, pois eram levados por um parente para dormir. Entre os que consumem pouco álcool ou já possuía maior resistência aos seus efeitos sobre o organismo, permanecem afastados consumindo mais bebidas com os seus companheiros.

A cerimônia da posse dos líderes Tenharim e Parintintin inicia as 19h30min no barracão que fica em uma região central da aldeia do Marmelo II. O barracão esta com as carteiras das escolas organizadas nas laterais e ao centro uma grande mesa enfeitada para a cerimônia. Ao pesquisador foi dada a incumbência de fazer o registro fotográfico da cerimônia. A mesa foi composta pelos professores; o responsável pela FUNAI; o cacique do Marmelos; o assessor indígena e o representante da FUNAI. Durante a

cerimônia todos os membros da mesa têm a oportunidade de falar, seguindo o convite do mestre de cerimônias.

Os temas abordados foram os agradecimentos à comunidade pelo apoio à liderança, são apontados os projetos já realizados, os planos para o futuro e a importância de preparar os jovens para assumir cargos de liderança. Entre os discursos é muito enfatizada a conquista de indígenas daquelas duas etnias em cargos políticos importantes, fato este que contribuía para um maior controle sobre os recursos governamentais às comunidades indígenas.

Durante as falas da liderança um índio mais velho, aparente alcoolizado mantinha-se à frente da mesa querendo falar ao microfone, embora nenhum dos responsáveis interviesse o retirasse da cerimônia. Assim, podia-se perceber que na comunidade Tenharim os sujeitos são respeitados quanto as suas escolhas e ações, e o fato dele estar aparentemente alcoolizado tornava as regras de conduta flexíveis. Diferente da nossa cultura em momento semelhante, constrangeria as autoridades e provavelmente o sujeito seria retirado. Entre os Tenharim, ao invés de uma atitude de correção, a sua presença foi permitida.

O ponto final da cerimônia foi o momento da entrega de presentes para os Parintintin. No outro final de semana ocorreria a festa cultural dos Parintintin e como ato de agradecimento pela visita e votos de sucesso na comemoração, alguns homens Tenharim entram na reunião trazendo tabocas e um saco de milho para ser utilizado na festa cultural dos Parintintin. Em um ato solene os presentes foram entregues para os representantes Parintintin na frente de toda a comunidade. Os cumprimentos foram realizados e a cerimônia terminou.

O ato descrito acima demonstra que as relações entre os Tenharim e as outras comunidades não são pautadas apenas pela lógica de uma economia capitalista. A reciprocidade é claramente afirmada entre as duas etnias. Caillé (1998) fazendo referência a teoria da dádiva de Marcel Mauss descreve que a dádiva é ambiguamente livre e obrigada; interessada e desinteressada. Obrigada, pois não é ofertada qualquer coisa a qualquer pessoa de qualquer modo, sendo os momentos e as formas socialmente instituídos.

Assim, era obrigação dos Tenharim retribuir a presença dos Parintintin em sua aldeia, em um ato planejado quanto a o que oferecer – os instrumentos a serem tocados na festa e o milho; o momento da entrega dos presentes e na cerimônia, de posse como que selando a amizade entre as duas etnias.

Fig. 13 Entrega dos presentes aos Parintintin

Fonte: Priscilla Perez da Silva Pereira. Aldeia do Marmelo. Agosto de 2009

Nem toda a comunidade participou da cerimônia, mas quem estava ali, permaneceu em silêncio, mesmo que não olhando para os interlocutores, como manda a boa regra de educação entre os Tenharim. Em frente do local da reunião tinha uma casa com a televisão passando uma novela e algumas pessoas estavam ali assistindo. Principalmente os jovens não participaram do evento de posse.

Após a cerimônia, a festa continuou agora sob a forma de um concurso de dança. Com as carteiras foram afastadas criou-se uma pista e casais começam a dançar. Durante a noite os casais se revezavam na dança, alguns jovens com sinais exteriores de alcoolizados demonstram movimentos mais espontâneos ao conduzir as mulheres, fato este que em dias cotidianos não seria possível.

Fig. 14 A dança

Créditos: Priscilla Perez da Silva Pereira. Aldeia do Marmelo. Agosto de 2009

O vendedor de bebidas posicionou-se mais próximo do salão e de modo livre vendia as bebidas alcoólicas, principalmente cerveja. Os jovens e alguns adultos consumiam as bebidas com álcool agora de maneira mais explícita, mesmo aqueles que tinham opinado sobre os malefícios da bebida dentro da aldeia ou haviam dito que não consumiam álcool.

Por volta da meia noite, o comportamento discreto e o modo de falar baixo davam espaço a comportamentos mais extravagantes, comportamentos típicos das festas com forró e consumo de bebidas alcoólicas de qualquer comunidade. Mais tarde as meninas iam embora de maneira espontânea ou levadas pelas suas famílias, os comentários eram que alguns rapazes alcoolizados *estavam se engraçando pro lado das meninas,* segundo um pai Tenharim.

Com a saída das moças, apenas os rapazes continuam o consumo de álcool. Sem pares femininos começaram a dançar entre si. A altura já é possível ver alguns desentendimentos entre eles, percebidos no jeito alto de falar e no empurra-empurra nos grupos. Por volta de duas horas fomos dormir, mas os grupos ainda continuaram no salão.

No dia seguinte conta-se na aldeia que um caminhoneiro que passava pela estrada à noite, na altura do Marmelos viu um indígena caído no meio da estrada, foi até a comunidade chamar alguém para retirá-lo alegando que se acontecesse alguma coisa a culpa não seria dele.

A noite acabou assim, na verdade o dia iniciou assim. Alguns parentes logo quando o sol raiou comentam que ao amanhecer levaram os seus para dentro de casa, pois alguns estavam dormindo no chão da aldeia devido à alcoolização. Os comentários no dia seguinte à festa eram principalmente sobre o comportamento dos que beberam. Entre risos e deboches as histórias eram contadas, principalmente sobre a forma com que os meninos passaram a buscar as meninas e seus pais eram chamados a proteger suas filhas.

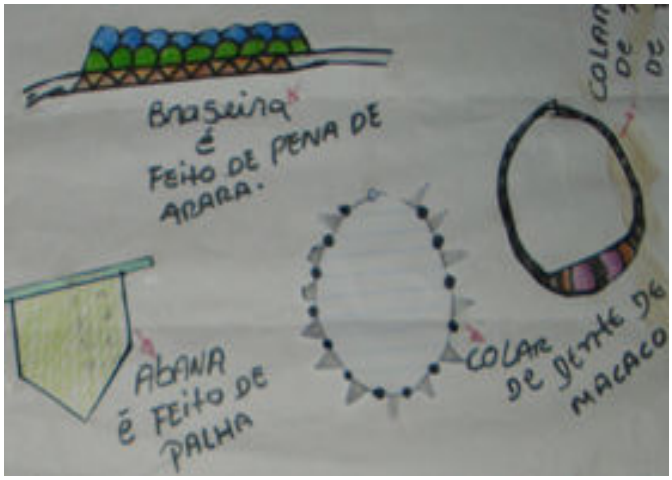
Apesar da descrição do dia festivo parecer muito próximo das festas típicas dos não-índios, os Tenharim do Marmelos mantém aspectos de sua cultura e forma de valorização do índio marcado por sinais tradicionais. Na figura abaixo, é possível notar o significado que a cultura tradicional tem entre Tenharim, a representação dos dois clãs Tenharim, os Mutunanguera e os Taravé, representando sua música e suas

características de subsistência, a caça, apontam para permanência da permanência étnica.

Fig. 15 A representação da identidade Tenharim

Fonte: Priscilla Perez da Silva Pereira. Aldeia do Marmelo. Agosto de 2009

2. O MÉTODO



Exposição de desenhos sobre os Tenharim
Crianças do nono ano. Marmelos. Outubro de 2009

2 O MÉTODO

Meu contato com a etnia Tenharim ocorreu em função da pesquisa do mestrado. A sugestão de realizar o trabalho com essa comunidade veio do contato do meu orientador com Aurélio Tenharim, membro do Conselho Distrital de Saúde Indígena. Mesmo sem conhecê-los, me propus a viajar até o Município de Humaitá para iniciar os contatos para o desenvolvimento da pesquisa.

No mesmo dia da viagem para Humaitá fui visitar a CASAI (Casa do Índio) de Porto Velho e conheci uma família Tenharim que acompanhava um idoso em tratamento de câncer. Ao conversar com eles, disse que estava indo para Humaitá e pretendia conhecer a comunidade Tenharim. Depois de conversarmos por uns vinte minutos e ao se despedir deles, de maneira cortês (uma das características mais marcantes dos Tenharim), o casal me disse que também estava indo para lá e poderíamos ir juntos no ônibus.

A idéia de ser convidada para estar com eles na ida para Humaitá me pareceu oportuna. A distância do Município de Porto Velho à Humaitá é de 200 km, realizado em um tempo de quatro horas devido à balsa e as condições da estrada que estava em reforma.

Encontrando com a família Tenharim na balsa me apressei para sentar-me perto deles e iniciar uma conversa. Ao sentar-me, comentaram: *achei que a menina tinha ficado para traz, porque não te vi no ônibus.* Muito satisfeita com a idéia de que eles se lembraram de mim ficamos nós três conversando durante todo o trajeto da travessia do rio Madeira na balsa. A conversa foi sobre as principais informações sobre os Tenharim: localização das aldeias, número da população, fontes de renda, principais problemas de saúde da comunidade e aspectos sobre o consumo de bebidas alcoólicas.

Ao chegar a cidade de Humaitá me chamou a atenção a quantidade de bares e lanchonetes na região da rodoviária. Os estabelecimentos se localizavam quase seguidos uns dos outros. Encontrei novamente a família Tenharim, que me indicou um hotel em frente à rodoviária. Eles também ficariam em um hotel já que vieram à cidade de maneira particular, termo usado quando não está em tratamento de saúde e por isso não podem ficar na CASAI.

No dia seguinte, liguei para o Polo de Humaitá, telefone de contato que havia conseguido na CASAI de Porto Velho. Com a autorização para ir ao Polo fui recebida

pela responsável e a enfermeira da CASAI. Apresentei meus objetivos com a visita e sobre o trabalho pretendido. Inicialmente acharam que o tema era muito delicado e o clima de tensão era nítido durante a conversa. Naquele momento senti que seria muito difícil abordar o tema entre os próprios profissionais envolvidos, o que dificultaria o contato com os Tenharim.

Nesse momento, um membro do Conselho Distrital de Saúde indígena telefonou ao Polo e aproveitei para me apresentar para ele por telefone e explicar que estava iniciando a pesquisa que havia sido autorizada anteriormente. Após ele conversar com a responsável pelo Polo a tensão inicial se resolveu, segundo ela *se os Tenharim haviam autorizado então estava tudo certo***.** Naquele momento não entendi o porquê da hesitação em falar sobre o assunto de alcoolização entre os Tenharim, mas posteriormente compreendi que essa postura ocorreu em função de um episódio de grande tensão anterior relacionado ao uso de substâncias psicoativas.

No mesmo dia fui a CASAI iniciar os contatos com os Tenharim. A CASAI de Humaitá é um sobrado próximo ao centro da cidade, com rigoroso controle de entrada e saída. Possuía nos cômodos e na varanda superior muitas redes para dormir. A cozinha era em um cômodo separado no fundo do terreno e o refeitório embaixo de um quiosque com bancos espalhados sob as árvores, um lugar agradável para conversar.

Enquanto ouvia sobre a população Tenharim percebi que não seria possível fazer um trabalho envolvendo todas as aldeias. Eram dezesseis aldeias com localizações geográficas distintas. Onze ao longo da Transamazônica, quatro no Garimpo Igarapé Preto e uma com acesso somente por barco, portanto em relação ao tempo era inviável pesquisar todas as aldeias. O que contribuiu na escolha do Marmelos I,II,III e IV foi o fato de serem as aldeias mais próximas, com a maior população: em janeiro de 2010 eram 48 famílias, 272 sujeitos. Outro fator decisivo para escolha da aldeia a ser pesquisada foi o fácil acesso aos Tenharim do Marmelos desde o início dos contatos.

Na CASAI conheci alguns idosos acompanhados por filhas e netas e algumas mães com seus filhos pequenos que moravam no Marmelos. Durante os quatro dias que estive em Humaitá fui a CASAI conversar com os Tenharim sobre aspectos culturais, sobre suas concepções sobre o consumo de bebidas alcoólicas ou simplesmente para me fazer conhecida.

As minhas idas a CASAI despertaram muita curiosidade nos indígenas de todas as etnias. Todos gostariam de saber de quem se tratava, e a história que se propagou é que seria a nova enfermeira contratada. Achei esse fato até facilitador, pois eles viam

conversar comigo para saber em qual aldeia eu iria trabalhar e a explicação de quem eu era, o que estava fazendo e onde eu morava, me fez conversar com praticamente todos os indígenas que passaram na CASAI durante os dias que estive lá.

Durante a primeira viagem a Humaitá, conversei com o agente de controle social que exercia no ano de 2009 sua função no Polo Humaitá e na CASAI. Suas informações sobre aspectos de saúde, cultura e sobre o uso de bebidas alcoólicas foram decisivas para iniciar a investigação do processo de alcoolização entre os Tenharim. Foi então que no último dia de estada na cidade o agente de controle social Tenharim me convidou para fazer o relatório da Reunião Local do Conselho de Saúde Indígena que aconteceria na aldeia do Marmelo no mês de agosto.

Esse convite foi valioso. A possibilidade de ir à aldeia deveria ocorrer mediante um convite e estar presente em uma reunião do conselho de saúde sigmificava conhecer os principais problemas, anseios e ações da comunidade. Os telefones de contato foram trocados e eu aguardaria o convite por escrito para comparecer à reunião em agosto.

Faltando quinze dias para a reunião me ligaram para encaminhar o convite por fax. Os dias que antecederam o meu retorno a Humaitá construiu em meu imaginário todos os tipos possíveis de situações a serem vividas na aldeia. O que eu não sabia é que tudo poderia mudar e a experiência foi melhor ainda do que o imaginado.

Na sexta-feira anterior ao evento liguei para o Polo em Humaitá para averiguar se não havia ocorrido nenhuma mudança. A responsável pelo Polo me disse que não estava certa se a reunião iria acontecer, pois ainda não haviam conseguido patrocínio para a reunião. Mesmo apreensiva fui para Humaitá, chegando com dois dias de antecedência, carregando na mala os equipamentos audiovisuais para registro da reunião.

Com a reunião confirmada restava esperar o dia da saída para aldeia. Aproveitei os dias para realizar algumas visitas pendentes da viagem anterior. Fui à SEMED (Secretaria Municipal de Educação) conversar com os responsáveis pela educação indígena. Ao chegar fui muito bem recebida pelos professores Tenharim que naquele dia explicaram sobre a cultura deles, mostrando fotos de eventos realizados nas aldeias e da M´Botawa. Em relação ao processo de alcoolização descreveram a situação na aldeia do Marmelos e as ações educativas que foram realizadas alguns meses atrás.

Eles também iriam para a reunião do Conselho Local de Saúde Indígena e ficou combinado de nos encontrarmos na aldeia. No dia seguinte as notícias não foram

alentadoras. Foi decidido que não haveria mais a reunião, pois um membro do Conselho estaria viajando para Ji-Paraná, executar o papel de conselheiro em um conflito entre as comunidades indígenas e o Polo da FUNASA naquele município.

Após a decepção de não ir mais à aldeia, no dia seguinte fui me despedir dos professores na SEMED. Frente a minha tristeza de não poder conhecer o Marmelos, me disseram que naquele fim de semana haveria uma comemoração referente à posse de três indígenas em cargos de importância na FUNAI e me convidaram para fazer o registro fotográfico da festa. Novamente animada me preparei e fomos para a aldeia. Chegaríamos dois dias antes da festa, o que era perfeito, pois seria possível acompanhar a dinâmica do dia-a-dia e a preparação para a festa.

No dia seguinte fomos na camionete da FUNAI, e ali estavam o chefe de posto da FUNAI no Marmelos e os professores. Após muitas paradas para compras e a passagem pela balsa, chegamos à Transamazônica. A estrada na época da seca é trafegável, tendo como único problema a poeira, com algumas pontes em estado precário e trânsito de caminhões e carros pequenos. Apesar das muitas fazendas o local ainda reserva belezas da fauna e flora. Após pararmos nas aldeias dos Pirahã, Jiahui e a aldeia Vila Nova dos Tenharim, chegamos ao Marmelos depois de 4 horas de viagem.

Instalei-me no posto de saúde da aldeia, junto com a professora não indígena e a técnica de enfermagem que já estava na aldeia há 15 dias. Passei por muitas casa com as devidas apresentações. Sempre na língua Tenharim os comentários eram feitos e ouvindo poucas palavras ditas em português sabia que estavam comentando sobre a cidade de onde eu vim e onde moram meus pais. As crianças, como sempre, foram as que primeiro se aproximaram e, fazendo muitas perguntas, me puxaram pela mão para conhecer todas as aldeias do Marmelos.

Nesta pesquisa o método etnográfico demonstrou ser o mais adequado para a descrição do processo de alcoolização entre os Tenharim. A etnografia é um dos delineamentos da pesquisa qualitativa e social, utilizada tradicionalmente principalmente na disciplina de Antropologia, visando à investigação do mundo cognitivo de uma cultura (POLIT; BECK; HUNGLER, 2004).

A escolha dos participantes

A escolha dos participantes de uma pesquisa etnográfica busca pequenos grupos de pessoas escolhidas de maneira não-aleatória. A pesquisa se iniciou com

sujeitos escolhidos por conveniência, aqueles que se demonstravam maior receptividade ao pesquisador e posteriormente aos informantes indicados pelos primeiros. Há duas regras para serem consideradas na definição de quantas pessoas devem ser entrevistadas em trabalhos etnográficos: primeiro a amostra deve ser maior do que a ocorrência do evento e deve seguir a lógica da saturação que segundo Polit, Beck e Hungler (2004) e Mercado-Martinez in Souza e Garnelo (2007), ocorre quando os achados e as falas dos discursos se tornam repetitivos e redundantes, não produzindo nenhuma informação nova. Foram entrevistadas no total 73 pessoas, sendo 24 no âmbito da cidade e 49 na aldeia.

Critérios de Inclusão

Foram entrevistados os indígenas Tenharim do Marmelos que eram capazes de valorizar o processo de alcoolização na sua comunidade. Nesta dissertação, os sujeitos escolhidos para as entrevistas eram indicados pelos próprios índios. A primeira abordagem foi na CASAI de Porto Velho, onde fui acompanhada até Humaitá e apresentada para os Tenharim que estavam na CASAI. E formando essa rede de apresentações cheguei até a aldeia. Alguns grupos foram priorizados nas entrevistas, na cidade de Humaitá: responsáveis pela FUNAI; FUNASA; Casai; Representantes do Conselho Distrital de Saúde Indígena; Secretaria de Saúde; donos de bares e funcionários dos bares e hotéis mais frequentados pelos indígenas; e pessoas da cidade de Humaitá que frequentavam a praça, bares e restaurantes da região ao redor da rodoviária.

Na aldeia, os grupos entrevistados foram: todas as lideranças do Marmelos (cacique, vice-cacique, AIS, AISAN, professores, presidente do conselho local de saúde indígena e conselheiros); idosos; representantes das famílias (homens e mulheres casados); e os jovens.

Critérios de Exclusão

Apesar do aprendizado, que de maneira informal as crianças que me acompanharam nas visitas proporcionaram, o discurso das mesmas em relação ao processo de alcoolização não foi estimulado e nem registrado. Assim como dois portadores de Síndrome de Down residentes na aldeia.

Descrição do procedimento

Nas pesquisas do tipo etnográfico é necessário reconhecer, conhecer, compreender e interpretar o evento, aqui representado pelo uso de bebidas alcoólicas considerando-o como biológico, psíquico, social e cultural. Entretanto, sobre as investigações de alcoolismo nenhum estudo pode responder a todas as perguntas sobre o problema e nenhum delineamento é perfeito.

A pesquisa de campo foi realizada no período de julho de 2009 a janeiro de 2010, perfazendo um total de 21 dias. Reconhecendo as limitações quanto ao tempo disponível para familiarizar-me com os Tenharim foi escolhido apenas as aldeias do rio Marmelos, visando otimizar o contato com a comunidade. As etapas de contatos e entrevistas ocorreram em quatro viagens realizadas ao Município de Humaitá, a primeira no mês de julho, a segunda em agosto, a terceira em outubro e a quarta no mês de janeiro de 2010.

O que se pretendeu neste ensaio etnográfico foi a tentativa de buscar o encontro com outra cultura – os Tenharim. Para esse encontro era necessária uma longa convivência e essa foi uma das dificuldades deste trabalho, pois não foi possível um longo período de permanência, principalmente devido a distância, tempo disponível e recursos financeiros. Mesmo correndo o risco de não ser capaz de responder os questionamentos mais específicos sobre a cultura Tenharim, foi possível esclarecer como a bebida alcoólica foi introduzida no Marmelos, como os Tenharim bebem, qual a interpretação dos sujeitos envolvidos no processo de alcoolização e iniciar uma discussão sobre os fatores que interferem na permanência do consumo de álcool entre eles.

Descrição das viagens à Humaitá

O primeiro momento foi o levantamento de dados na cidade de Humaitá feita por meio de entrevistas semi-estruturadas com atores sociais relevantes na construção da imagem do índio. Assim, foram entrevistados representantes da Secretaria Municipal de Saúde, e aqueles diretamente interessados no consumo de bebidas por parte da população indígena, donos e funcionários de bares e restaurantes e equipe de saúde da CASAI.

O segundo momento ocorreu em função do convite para a participação da reunião do Conselho Local de Saúde Indígena que ocorreria no Marmelos. Enquanto aguardava a saída para a aldeia, foram entrevistados representantes da FUNAI, FUNASA e sujeitos da população de Humaitá. Em todas as viagens permanecia durante o tempo livre na CASAI conversando com os indígenas e entrevistando os da aldeia do Marmelos. A reunião do conselho de saúde foi desmarcada, mas devido a um convite dos professores indígenas do Marmelos fui para a comemoração de posse de algumas lideranças. Na primeira viagem à aldeia permaneci três dias, onde foi possível conversar com as famílias, jovens e idosos além de acompanhar a dinâmica de um dia cotidiano, dia de preparação para festa e o dia da comemoração.

A segunda a viagem foi novamente a convite dos professores indígenas para a comemoração do Dia das Crianças na aldeia do Marmelos. Antes da saída para a aldeia, foram realizadas mais entrevistas na cidade de Humaitá com indígenas e a população da cidade. O tempo de permanência na aldeia foi de dois dias devido à disponibilidade do carro alugado em que a equipe foi para a aldeia. As entrevistas foram realizadas durante o intervalo dos eventos no local e novamente foi possível acompanhar a dinâmica de uma festa na aldeia.

A última viagem teve o acesso à aldeia dificultado pelas chuvas. Diferente das outras vezes, nesta viagem a ida foi de ônibus da linha Humaitá – Apuí e, portanto, sem um convite para algum evento formal. A autorização para a visita foi dada pelo cacique mediante ligação do representante do Conselho Distrital de Saúde Indígena e autorização por escrito da FUNAI. O tempo de permanência na aldeia foi quatro dias, considerados como dias cotidianos, pois não houve nenhuma festividade.

Os instrumentos e métodos para a coleta de dados

Segundo Rocha e Eckert (2008, p.01) a etnografia visa a produção de dados do conhecimento antropológico,

> (...) a partir de uma inter-relação entre o(a) pesquisador(a) e o(s) sujeito(s) pesquisados que interagem no contexto recorrendo primordialmente as técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais, as entrevistas não-diretivas, etc.

Mesmo que o objeto de estudo fosse um acontecimento ou uma prática, como o proposto nesta dissertação, o ato de beber; esse fato, de maneira isolada, não consegue

exprimir o porquê de ser realizado da forma como acontece, não demonstra a totalidade. Para compreender a representação deste ato sobre uma sociedade foi necessário registrar a maneira de viver, a organização social, as demonstrações de poder, as relações entre os membros da comunidade e entre outras comunidades.

Utilizou-se do método de observação participante e o registro no diário de campo, que se tornou um instrumento para reflexões sobre cada dia vivido durante a pesquisa. As conversas e as observações durante a permanência do pesquisador em campo foram detalhadamente registradas pelo pesquisador, visando compreender as falas e as impressões dos entrevistados.

Visando formular as inferências gerais foram coletados dados concretos por meio de questionamentos que com os quais os sujeitos expressassem seus pontos de vista sobre o assunto, "pois em todo ato existe primeiro a rotina estabelecida pela tradição e costumes" (MALINOWSKI, 1978, p. 32). Assim, antes de fazer referência ao processo de alcoolização entre os Tenharim foi necessário saber sobre os pontos de vista deles sobre o ato de beber entre a própria comunidade. Foram utilizadas dez perguntas disparadoras visando iniciar o diálogo que era incrementado conforme o discurso do entrevistado.

Análise dos dados

A condução do estudo se deu conforme o proposto por Polit, Beck e Hungler (2004) e Minayo (2007), a atividade de escolha dos sujeitos, coleta de dados, análise e interpretação dos discursos ocorreu de forma interativa. As decisões sobre qual a melhor maneira de obter os dados que demonstrassem o processo de alcoolização foram realizada no campo, pois dependia exclusivamente do relacionamento que se formou entre o pesquisador e o sujeito pesquisado.A análise do conteúdo dos discursos foi realizada continuamente, subsidiando a tomada de decisões sobre como prosseguir: as observações do pesquisador se uniram as declarações da comunidade.

Atentando-se para o recomendado por Ott (2007, p.02), os muitos discursos produzidos durante as entrevistas tiveram seu conteúdo analisado qualitativamente, visando compreender as variáveis envolvidas no fenômeno. "Através do conhecimento intensivo de um universo pequeno, chega-se a interpretações largas e a análises abstratas sobre as estruturas conceituais que criam os valores presentes nas vidas dos sujeitos investigados".

E por fim, sobre a interpretação de um fenômeno, Malinowski (1978, pág. 31) atenta para a subjetividade do observador. Apesar de interferir nesse processo "devemos empenhar-nos no sentido de deixar que os fatos falem por si mesmos".

Aspectos éticos e legais

Esta pesquisa foi submetida ao parecer do Comitê de Ética da Universidade Federal de Rondônia e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Ministério da Saúde, aprovado sob o registro CONEP 15510.

Foram adotados os procedimentos éticos previstos nas Resoluções 196/96 e 304/2000 do Conselho Nacional de Saúde. Foram também considerados os parâmetros legislativos inerentes à questão, tais como o Estatuto do Índio, a Constituição brasileira, assim como as leis gerais que regem aspectos a eles relacionados. Os sujeitos da pesquisa foram identificados por meio de caracterizações por sexo, idade ou função na aldeia no sentido de preservar sua integridade e não comprometê-los pessoalmente.

O TCLE foi obtido mediante conversa explicativa sobre os objetivos do trabalho, quem o solicitou e quem o havia indicado para a entrevista. Posteriormente, era realizada leitura em conjunto com o sujeito (quando alfabetizado), em voz alta, do termo da pesquisa.

3. O CONTATO

Exposição de desenhos sobre os Tenharim Crianças do nono ano. Marmelos. Outubro de 2009

3 O CONTATO

Ao falar sobre os Tenharim é necessário abordar a história de desenvolvimento da Região Amazônica. Nos estudos de populações indígenas, as características dos processos históricos são fundamentais para entender o impacto e tipo de contato mantido com a população não indígena, assim como as mudanças tanto materiais como psicossociais resultantes desta experiência (GUIMARÃES E GRUBITS, 2007).

Conforme Darcy Ribeiro (1982) a ocupação da região amazônica teve início do século XVII, mas a ocupação do baixo Madeira foi postergada devido às frentes de lutas levantadas pelos indígenas da região, fazendo com que esses tivessem muitos inimigos que lutavam por seu extermínio. Somente na década de 1940 os Tenharim iniciaram o convívio pacífico com um não indígena - o comerciante português Delfim Bento da Silva. Ele e seus empregados estiverem entre os Tenharim realizando a prática de extrativismo. Dessa relação colonialista, os índios tornaram-se mão-de-obra recebendo em troca produtos externos como: armas, roupas e alguns alimentos.

Mas o contato marcado por conflitos que havia se iniciado no século XIX, principalmente devido ao processo de extrativismo, se completou efetivamente na década de 1970 com dois projetos de desenvolvimento na região: a abertura da estrada Transamazônica e o extrativismo de cassiterita no garimpo Paranapanema na região do Igarapé Preto.

A Transamazônica, citada por Davis (1978, p.103) como a "estrada brasileira para o etnogenocídio" foi o projeto de desenvolvimento que interferiu de maneira direta nas aldeias Tenharim do Marmelos. Os contatos decorrentes da mineradora e da estrada intensificaram-se e levando a uma significativa modificação estrutural da aldeia, principalmente na forma de subsistência da comunidade. A alteração no meio ambiente interferiu diretamente na forma de sustento da comunidade que antes estava baseado na caça e pesca.

Com a ampliação dos contatos com os não índios a FUNAI manteve naquela época um posto na localidade onde atualmente estão as aldeias do Marmelos. Os índios Tenharim que viviam na aldeia Nhande'uhu ao longo das margens do rio Marmelos, se deslocaram para as margens do traçado da Transamazônica, inicialmente como tentativa de frear as ações da construção da estrada. Mas, sem muitas opções de sustento e infra-estrutura os índios acabaram aceitando as ações paternalistas da FUNAI: casas, a

mudança de sua roça, a introdução de novos alimentos manufaturados e de objetos como roupas (PEGGION, 2005; SAMPAIO 1997; SILVA, 2006).

Assim, muitos são os fatores que devem ser considerados quando se propõe a descrever um processo, pois não é só o ato de beber que nos interessa, mas sim como isso se configurou. Durante o processo de ocupação das terras brasileiras, e esse processo está ocorrendo até hoje no Norte do Brasil, a expansão das frentes econômicas[3] têm ameaçado drasticamente a integridade do ambiente em que vivem as etnias indígenas, bem como seus saberes, sistema econômico e organização social.

Sobre o contato dos Tenharim com os trabalhadores da estrada Transamazônica, pude ouvir o relato de sua ocorrência de um idoso que esteve presente naquele episódio. No início da década de 70, um dia trabalhando no garimpo do Igarapé Preto o responsável chamou os índios para mostrar a notícia que estavam abrindo uma estrada perto da aldeia deles. Foi dito que a estrada passaria a 5 km da aldeia dos Tenharim. Nos dias seguintes eles começaram a ver aviões tentando pousar próximo da aldeia, que já possuía pista de pouso devido ao garimpo.

Depois de algumas tentativas, pousaram. O engenheiro responsável desceu trazendo um grande pacote de fumo para dar de presente para os índios que os receberam falando em português. Segundo o relato a equipe ficou impressionada, pois achavam que os índios não eram aculturados. O engenheiro convidou os índios para trabalhar na abertura da estrada em troca de dinheiro, o que foi aceito por grande parte desses homens.

Segundo Davis (1978) a Transamazônica era um ingrediente importante do milagre econômico e seria construída ao preço que fosse necessário. Afinal, o curso de desenvolvimento da Amazônia atenderia interesses políticos e econômicos e não seriam os obstáculos naturais, incluindo aí os índios, que inviabilizariam o "desenvolvimento". A exploração da Amazônia visava atender os interesses principalmente de multinacionais e grandes fazendeiros beneficiados pelos incentivos fiscais e tributários da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM).

[3] Aqui se compreende como frentes econômicas os projetos de desenvolvimento que afetam as comunidades indígenas, a exploração de recursos naturais em TI e a incorporação de tipos de trabalhos assalariados.

3.1 O CONTATO COM AS BEBIDAS ALCOÓLICAS

Antes de descrever o processo de introdução das bebidas alcoólicas nas aldeias do Marmelos é importante esclarecer a relação de embriaguez e o uso de bebidas fermentadas presente na cultura da maioria das comunidades indígenas. Souza, Oliveira e Kohatsu (2003) descrevem que as bebidas fermentadas – o cauim, podem ser consumidas como alimento ou de maneira sagrada, podendo ou não causar um desconforto entre os membros da comunidade. A função da bebida é determinada pelo teor de álcool, podendo ser classificada como fraca ou forte.

Na revisão de literatura foram encontradas três referências ao cauim relacionadas aos Tenharim. A primeira, por Nimuendajú (1924), foi o registro de um episódio quando os Parintintin haviam deixado para ele uma bebida a base de milho, mas que estava velha e estragada, não fazendo menção a importância ou uso desta bebida fermentada entre os Kagwahiva.

A segunda referência foi encontrada na descrição de Freitas (1926) e citada por Peggion (2005) sobre as observações realizadas por um funcionário do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) em 1923. Segundo os autores, entre os Parintintin o uso de cauim era realizado após as guerras em rituais, associando os vasilhames onde eram consumidos o cauim a cabeça dos inimigos. Após a guerra o matador exibia a cabeça do inimigo como se fosse um troféu, todos se regozijavam e comentavam como foi sua morte. Posteriormente à distribuição e o consumo do cauim, a cabeça do inimigo era deixada na frente das vasilhas onde a bebida foi servida, era dado um grito e as vasilhas eram alvejadas por flechas seguindo a comemoração ao som de tabocas e danças.

De acordo com Silva (2006), essa festa *da quebra da cabeça do inimigo* era permitida a adultos e meninos que seriam iniciados, portanto marcava um ritual ligado à guerra e à iniciação masculina para a vida adulta, sendo repleta de restrições como, por exemplo, as alimentares e sexuais.

E, a terceira referência era o mito de *Bahira* - o personagem central de toda mitologia Kagwahiva, responsável pela criação dos utensílios culturais dos Tenharim, o fogo, os insetos e que definiu a função das mulheres e homens posteriormente, mas que desapareceu após ter ido morar nas pedras. Em uma das festas realizada por *Bahira*, o cauim de milho foi oferecido como alimento. Na descrição sobre o encontro da filha de *Bahira* e *Marupai*, onde a moça intercedeu pelo pássaro mutum criando assim o clã

Tenharim dos Mutum, o cauim também foi citado como alimento utilizado na festa que a família de Marupaí ofereceu à filha de Bahira.

Não há referências ao uso do cauim em outras ocasiões ou com fins de cauinagem como encontrado em outras etnias. Segundo Sztutman (2008), entre grande parte dos grupos de língua Jê e os índios do alto Xingu, encontram-se exceções para a fabricação e o uso de bebidas artesanais como forma de embriaguez. Citando o exemplo dos Matis (povo da Amazônia Central), o cauim era feito de macaxeira quase sem teor alcoólico e era utilizado cotidianamente.

Entre os Tenharim foi citada, durante a pesquisa em campo, a existência da produção de bebidas fermentadas a base de milho ou mandioca, mas que também possui baixo teor alcoólico. Essa bebida, chamada por eles com *Kawỹ,* quase não é mais produzida. Quando feita, é a partir da mastigação das mulheres e utilizada como fonte alimentícia principalmente para aqueles que estão precisando fortalecer-se como as gestantes, crianças pequenas e homens após intensas atividades físicas como caçadas e trabalhos nas roças. Compreende-se que, assim como exemplificado por Sztutman (2008) citando os Araweté do baixo Xingu, o *Kawỹ* doce é utilizado de forma doméstica. A bebida mastigada e preparada na véspera é consumida fria no âmbito familiar como alimento. O *Kawỹ* azedo, não utilizado pelos Tenharim, é consumido não como alimento e é responsável por causar vômito durante rituais.

O *Kawỹ,* não é fabricado misturando o milho e a mandioca sendo apontada pelos entrevistados como uma das diferenças entre a bebida feita pelos Tenharim e outras etnias que utilizam a bebida como forma de embriaguez.

Nos estudos realizados por Langdon (2001); Aguiar e Souza (2001); Oliveira (2001), as comunidades indígenas têm na história do grupo étnico a utilização de bebidas artesanais fermentadas. Essas bebidas apesar do baixo teor alcoólico possuíam uma função psicoativa, sendo utilizadas principalmente em festas e após trabalhos comunitários. Portanto, algumas dessas comunidades se encontravam em um processo de substituição das bebidas fermentadas artesanalmente pelas destiladas, mantendo em sua maioria a forma de consumo: entre grupos e em grande quantidade.

Mas, diferente dos relatos desses pesquisadores sobre a substituição das bebidas artesanais pelas industrializadas, esse fato não se configurou como real na comunidade Tenharim. A introdução do álcool nas aldeias do Marmelos ocorreu em função do contato com as sociedades não-indígenas. Segundo o relatório disponível pela FUNASA (BRASIL, 2009), existe uma facilidade de acesso às bebidas alcoólicas em

todas as aldeias do país, constituída conforme a intensificação dos contatos e principalmente devido à aproximação das cidades.

Como a introdução de álcool na aldeia está intrinsecamente relacionada com o contato com os não índios, faz-se necessário retornar ao primeiro branco, que segundo os Tenharim, manteve estreitos laços com a comunidade - o Delfim (Português). Segundo os relatos, o Português mantinha o controle sobre os índios utilizando principalmente o recurso do medo. Ao serem questionados sobre o consumo de tabaco e bebidas alcoólicas, foi relatado que o Português possuía tabaco e bebidas para seus trabalhadores, mas não permitia que os índios utilizassem alegando que fazia mal a eles.

A intensificação do contato em função da construção da Transamazônica proporcionou ao indígena acesso ao dinheiro proveniente do trabalho na estrada. Com o contato com os trabalhadores da estrada, os convites para experimentar a cachaça se mantinham. Segundo relatos de um idoso que viveu naquela época, *os índios são dez vezes mais fracos para beber e passaram a utilizar a bebida, mesmo que em pequena quantidade, mas já se sentia os seus efeitos*.

A utilização da cachaça pelos Tenharim foi realizada inicialmente sem normas quanto à idade, sexo, motivo ou forma de utilização. Como que descoberta uma fonte poderosa para sensações de relaxamento, desinibição e socialização com os trabalhadores da estrada, homens, mulheres, crianças e idosos indígenas utilizaram a bebida alcoólica. Alguns apenas experimentaram e devido ao gosto que não era agradável não mais consumiram.

O grande fluxo de pessoas que passava na estrada e a presença de transações comerciais próximas aos acampamentos dos trabalhadores facilitavam o acesso, principalmente à cachaça.

Mas, o ato de beber não permaneceu de maneira descontrolada durante o período de intensificação dos contatos com os não índios. Inicialmente devido à interferência da FUNAI e posteriormente com a definição de uma disciplina tradicional pelos próprios membros da comunidade, várias normas foram instituídas na tentativa de controlar ou amenizar os problemas enfrentados com a alcoolização.

Entre os problemas provenientes da bebida era apontada a utilização do dinheiro priorizando o álcool em detrimento de alimentos e objetos primordiais para a manutenção da família e a ocorrência de absenteísmo nas tarefas domésticas e de sobrevivência da comunidade como caça, agricultura e os trabalhos remunerados na estrada.

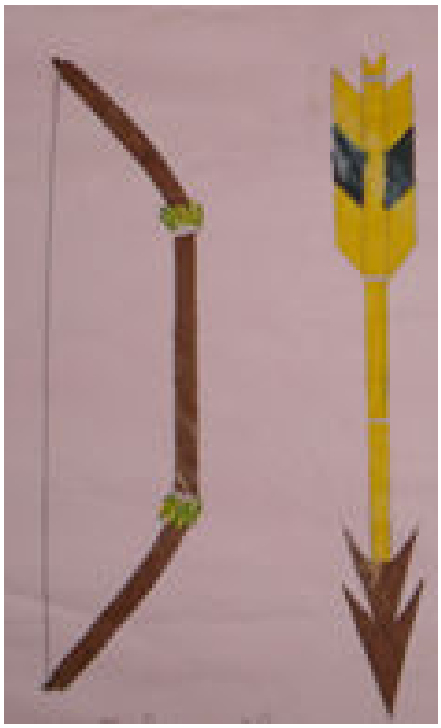
A intervenção da FUNAI no processo de alcoolização dos Tenharim foi baseada na Lei n 6.001 de dezembro de 1973, capitulo II, art. 58, parágrafo III onde se lê sobre os crimes contra o os índios. A FUNAI passa então a implementar medidas normativas em relação aos estabelecimentos e pessoas que vendiam bebidas alcoólicas aos índios. Os funcionários da FUNAI, durante um período mantinham vigilância na cidade a fim de detectar os índios que haviam consumido o álcool, levando-os de volta para a aldeia. Porém, os mecanismos de burlar as normas já podiam ser identificados, como por exemplo, na história contada por um dos idosos, dizendo que os próprios índios acobertavam o índio bêbado porque se não todos tinham que voltar para a aldeia.

As próprias famílias, após a euforia dos primeiros goles da década de 1970, passaram a desenvolver mecanismos de normatização em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, descritos no próximo capítulo.

Mantendo o caráter coercivo desempenhado pela FUNAI, algumas lideranças e familiares, na tentativa de resolver os problemas advindos do consumo abusivo do álcool, tomavam atitudes mais radicais em relação aos que consumiam as bebidas alcoólicas. A revista de bolsas em busca de garrafas de cachaça dos que viam das cidades, formas de manter o indígena em casa enquanto estivesse bêbado como punição e até o relato de os próprios parentes chamarem os funcionários da FUNAI para implementar ações como reclusão do indígena até que a embriaguez passasse.

As bebidas alcoólicas estavam sendo relacionadas a uma série de consequências negativas para a comunidade em geral. Mas esse fato não pode ser interpretado como uso de mais um produto do não índio, deve ser entendido como reflexo de mudanças sociais e estruturais na cultura da etnia. Conforme Souza e Garnelo (2007, p. 1646) “a situação atual de abuso de bebidas alcoólicas entre os membros da comunidade é reflexo das mudanças simbólicas da sociedade sobre a forma de organização hierárquica da vida indígena e suas experiências sociais”. A forma de trabalho nas roças familiares e é substituída pelo trabalho assalariado, o progressivo distanciamento das tradições, a aproximação geográfica das aldeias ao comércio e as interferências diretas ao meio ambiente e às terras indígenas são fatores relacionados à introdução do consumo das bebidas alcoólicas por essas comunidades.

4. COMO BEBEM



Exposição de desenhos sobre os Tenharim
Crianças do nono ano. Marmelos. Outubro
de 2009

4 COMO BEBEM

A forma de beber entre os índios não pode ser considerada universal. Segundo Souza e Garnelo (2007) não é possível fazer uma avaliação do uso de bebidas alcoólicas da mesma maneira em todas as populações. É necessário considerar o contexto social, ou seja, suas normas de conduta, a forma de punição, as dimensões de positivo e negativo dessa comunidade. Para isso é importante uma contextualização do uso do álcool nas culturas indígenas até a atualidade.

Um dos objetivos propostos nesta dissertação foi a descrição de como os Tenharim utilizam as bebidas alcoólicas, pois tão importante quanto os fatores biológicos e psicológicos estão os fatores sociais na determinação do consumo de álcool. Neste capítulo, portanto, serão abordadas as características de quando e onde bebem; o que é consumido; com quem; como é o acesso às bebidas alcoólicas; a relação de gênero e o consumo de álcool; a relação da alcoolização e a idade; as regras para o consumo e a posição da família em relação ao álcool.

Em relação ao uso de bebidas alcoólicas, conforme Guimarães e Grubits (2007), citando Bales (1946/1991) em seu clássico artigo sobre alcoolismo intitulado "*Diferenças culturais nos graus de alcoolismo*" existem quatro diferentes orientações culturais quanto a seu uso: (a) abstinência total; (b) ritual; (c) convivência; (d) uso utilitário.

A abstinência, segundo o dicionário Aurélio (2008) é a "qualidade do que se abstêm; privação voluntária". Portanto, o ato de não consumir álcool pode ser decorrente de vários motivos como não apreciação do gosto, ou não desejar os efeitos positivos ou negativos do consumo, mas é importante destacar que deve ser um ato voluntário, deve ser escolhido pelo indivíduo.

Entre os Tenharim, principalmente os idosos e homens adultos, foram encontrados relatos de pessoas que escolheram não mais utilizar o álcool devido principalmente aos efeitos desagregadores na família e a perda de autonomia que o indivíduo vive quando sob o efeito da bebida.

Em relação ao uso de bebidas alcoólicas em rituais, é interessante destacar que essa é uma prática humana, milenar e universal. Em rituais religiosos indígenas, as mais variadas substâncias psicoativas são utilizadas como forma de obter experiências místicas, cura de doenças e solicitação de proteção aos espíritos. Conforme apontam

vários autores (ERMEL, 1988; OLIVEIRA, 2001; DAL POZ, 2004), ao contrário do alcoolismo que tem efeito desagregador, a bebida fermentada nos rituais tem funções também de integração, reforçando os laços de reciprocidade social entre diferentes grupos locais da mesma etnia.

Entre os Tenharim não ficou clara a relação do estado de embriaguez e fatores espirituais. O uso de bebidas alcoólicas com essa finalidade não foi declarado nem mesmo pelos mais velhos, que relatavam usar a bebida alcoólica em busca principalmente do prazer. Sabe-se, porém, que muitos atos realizados pelos sujeitos, mesmo que de maneira inconsciente, possuem as mais variadas motivações.

Em relação a convivência entre os usuários de álcool, chamado por Beppler (2006) como o comportamento do círculo dos amigos ou relacionamentos, este representa ser um aspecto importante para o indivíduo no que diz respeito à motivação para o uso das substâncias psicoativas. Além dos amigos, o ambiente familiar e o exemplo dado pela liderança parecem ter grande influência sobre o uso e o desenvolvimento da dependência.

A convivência e o uso de bebidas alcoólicas entre os Tenharim são evidentes principalmente entre os jovens e em momentos específicos entre os homens adultos. A bebida é consumida no ambiente da aldeia ou na cidade, em sua maioria na companhia dos amigos e parentes principalmente da mesma faixa etária. Durante o trabalho de campo, observou-se que a bebida era consumida como forma de divertimento em pequenos grupos afastados do núcleo da aldeia.

O uso utilitário é decorrente dos efeitos considerados positivos no uso de bebidas alcoólicas como a sensação de relaxamento, alegria, euforia e desinibição. Essas sensações são apreciadas principalmente pelos jovens.

Entre os Tenharim que utilizam a bebida por convivência ou devido aos seus efeitos utilitários, em sua maioria a consomem em um tempo definido pelo calendário social, quando há dias de consumo ou abstinência. Assim, se configura a lógica do tempo para beber na aldeia dos Tenharim.

4.1 QUANDO BEBEM

Segundo Martins (2000), o tempo é uma convenção social, ou seja, cada sociedade o define conforme o seu próprio desenvolvimento. A regularidade e a

sequência do tempo são importantes na alocação das rotinas e atividades que se constituem como um código temporal.

Devido ao caráter social do uso do álcool, não é comum encontrar indígenas utilizando bebidas de maneira isolada na aldeia, salvo em casos considerados por eles como doença, quando há consumo de álcool individual, principalmente na cidade. Portanto, o consumo ocorre em dias de eventos comemorativos ou jogos esportivos, em fins de semana, à noite ou nas idas a cidade, o que é muito parecido com a relação entre os moradores de Humaitá e a bebida. Segundo Martini (2005), quanto maior o contato dos índios com a sociedade não-indígena, maior é a necessidade de imitação dos ritos de festa branca, bebedeira, dança sertaneja, comidas, etc.

Nos dias rotineiros marcados pelas atividades como estudo, trabalhos na casa da farinha, agricultura ou caça, os sujeitos possuem atividades especificas. Assim, o uso de bebidas ocorria em menor intensidade e geralmente após o desligamento da energia elétrica, em pequenos grupos enquanto escutam músicas em aparelhos sonoros. De modo geral esta ocorrendo nas aldeias um processo de dissociação em relação ao tempo. Anteriormente ao contato com os não índios, os dias transcorriam com uma dinâmica igual, porém, atualmente, estavam bem definidos os dias e o tempo para trabalho e lazer: durante o dia da semana o trabalho, durante a noite e no fim de semana o lazer.

A relação do consumo com as festas e jogos de futebol, não era exclusividade de comunidades indígenas, muito menos dos Tenharim. Oliveira (2001) em seu trabalho sobre os Kaingang (PR) também encontrou essa relação de consumo com um calendário de eventos, geralmente datas comemorativas advindas do catolicismo e datas cívicas. Para Ferreira (2005) os Mbyá-Guarani (RS) chamam estas comemorações como “festas de branco”, como forma de separação de suas festas tradicionais. Segundo o autor, o indígena passa a ter acesso às formas de diversão dos brancos e logo começa a imitá-los nas aldeias. As festas dos Tenharim também possuem a mesma característica encontrada entre os Mbyá-Guarani: ocorrem com jogos de futebol, som de música sertaneja, concursos de dança e uso de bebidas alcoólicas entre os grupos de rapazes.

4.2 ONDE BEBEM

Além do tempo, o espaço é outro importante definidor na relação dos Tenharim com a bebida alcoólica. Segundo Acioli (2002), o espaço pode ser definido de duas

maneiras: o geográfico e o subjetivo. O geográfico é o espaço territorial, podendo ser medido ou marcado por pontos limítrofes. E o subjetivo, formado pela percepção própria de cada indivíduo, possuindo limites imaginários.

O consumo de bebidas alcoólicas entre os Tenharim ocorre em um determinado espaço que, dependendo da situação, pode ter seus limites ampliados ou diminuídos. Nos dias que não ocorrem festas ou durante o período diurno em casos de comemorações, as bebidas são consumidas nas áreas ao redor do centro da aldeia, havendo uma coincidência entre a periferia espacial e a marginalidade social. Como já descrito anteriormente as aldeias se configuram com uma região central onde tem a escola, campo de futebol, casa da farinha e de maneira mais periférica os rios, roças e mata. Assim, para manter a discrição no ato de beber os índios consomem o álcool embaixo de árvores afastadas, na beira do rio em regiões próprias de banho e em cantos da estrada.

Durante a noite, quando a música já esta tocando e a dança iniciada todos se aproximava do barracão de reuniões ou no campo de futebol em dias cotidianos. Os que já estavam alcoolizados permanecem em grupos, sendo possível observar comportamentos extravagantes incomuns aos Tenharim em dias normais. Quanto mais a noite adentra, mais fácil é encontrar indígenas utilizando as bebidas alcoólicas, de maneira mais exposta e explicita.

Diferente dos dias de festas, em dias de semana o consumo ocorre mais próximo as áreas das casas, sendo praticamente imperceptível a movimentação na aldeia e o comportamento alterado de jovens alcoolizados.

4.3 O QUE BEBEM

As bebidas alcoólicas utilizadas pelos Tenharim são escolhidas conforme a facilidade no acesso e conservação. Na aldeia a bebida mais utilizada, quando não há comerciantes não índios vendendo, é a cachaça, devido a possibilidade de consumo sem refrigeração. Nas cidades, além da cachaça, outra bebida consumida é a cerveja.

4.4 COM QUEM BEBEM

A descrição do modelo biomédico de que o consumo de bebidas alcoólicas é um fenômeno com características universais e que não há cura efetiva para a alcoolização, não demonstrou ser uma definição verdadeira entre os Tenharim. Conforme Langdon (2005) sobre vários grupos indígenas que consomem a bebida alcoólica, também entre os Tenharim foi possível constatar, por meio dos relatos, que é possível vários dias de abstinência sem que apresente seus sinais clássicos.

O consumo das bebidas alcoólicas ocorre na aldeia, em sua maioria, de forma coletiva, ou seja, em pequenos grupos de homens de uma mesma faixa etária ou posição social. Segundo Quilles (2000) e Acioli (2002) a ingestão de álcool entre os indígenas sempre ocorre de maneira socializada, grupal, fato este que contribui para o reforço da alcoolização coletiva. Esse fortalecimento contribui para que seja utilizado mais álcool, o que leva a um estado de exclusão desse pequeno grupo do restante da comunidade. Este fato pode ser constatado entre os rapazes do Marmelos que possuem a característica de sempre andarem juntos e utilizarem as bebidas principalmente à noite, quando as famílias estão em suas residências.

O consumo das bebidas alcoólicas em grupo fortalece os laços sociais internos entre esses sujeitos, possibilitando a identificação de uns com os outros (SOUZA, OLIVEIRA E KOHATSU, 2003). Percebe-se que a prática da reciprocidade entre os parentes é um fator que contribuía para o consumo de álcool dos Tenharim, pois sempre que se oferece a bebida é de bom tom ser aceita e consumida até o fim.

A questão da reciprocidade entre os alcoolistas é um fator facilitador ao acesso ao álcool. Pode parecer fora de lugar pensar na teoria da dádiva relacionando-a ao consumo de bebidas alcoólicas. Mas segundo Caillé (1998) a dádiva, por seu caráter simbólico, excede a dimensão utilitária de bens e serviços. Basta que um componente do grupo compre a bebida para que todos compartilhem, aumentando assim também a pressão entre os sujeitos para se manterem nesse grupo, levando a permanência do ato de beber.

Fora do ambiente da aldeia, o uso de bebidas, na maioria das vezes, também se configura de maneira coletiva, salvo em casos em que o indivíduo é considerado como doente. Dividindo o ambiente com o branco ou outros indígenas, o uso do álcool está associado ao divertimento, principalmente após o trabalho ou estudo. Os adultos que se

encontram em uma posição de autônomos parecem utilizar o álcool como forma de comprovar essa autonomia e os jovens a utilizam, em meio aos não índios, como forma de auto-afirmação e aproximação.

Após o consumo das bebidas ocorre a exteriorização de emoções das mais variadas que são compreendidas pelas comunidades como positivas e negativas. As reações positivas são relacionadas à felicidade e a descontração que o usuário experimenta, facilitando um comportamento mais sociável, principalmente durante as comemorações. As reações negativas de irritabilidade e demonstração de virilidade trazem problemas interpessoais e com os familiares dando origem a disputas e violências.

Essas reações negativas contribuem para a mudança no padrão de consumo. As reações extremas de violência quebram um código de normas do grupo (melhor discriminado a seguir) levando o alcoolista a exclusão. A exclusão fortalece o sentimento de não pertencer ao grupo; deslocado de sua própria comunidade o indivíduo passa a utilizar a bebida de maneira individualizada, o que contribui para impactos patológicos individuais.

Em relação à individualização do consumo das bebidas, Coloma (2001) afirma que a intensificação do contato com os não índios por meio da permanência nos centros urbanos contribui para que os indígenas assumam um padrão de individualismo. A substituição de um padrão coletivo para individual estabelece uma mudança sociocultural que interfere nos campos da política, economia e cultura.

Sztutman (2008) acrescenta que os bebedores individuais representam figuras marginais, são estigmatizados e situados do lado de fora das redes de sociabilidade.

4.5 O ACESSO AS BEBIDAS

Existem alguns fatores facilitadores para o consumo de bebidas alcoólicas pelos indígenas. Entre eles os mais importantes são: a proximidade das aldeias de pontos de venda e o baixo custo da bebida.

Entre os Tenharim do Marmelos, até cinco anos atrás, o acesso ao álcool era mais limitado, principalmente devido à distância aos pontos de venda que eram no município mais próximo - Humaitá (130 Km). Porém, com a criação de uma vila

chamada 180[4] que está a 50 km do Marmelos e a aquisição de motocicletas, o acesso às bebidas foi facilitado. Outro fator que também contribui para esse acesso é a presença de vendedores não indígenas de bebidas em dias de comemorações. Ao ser questionado sobre a venda de bebidas alcoólicas nas aldeias, a liderança afirmou que não compactua com essa ação, afirmando que a partir de então o vendedor teria suas mercadorias revistadas, definindo assim sua permanência na aldeia.

4.6 A RELAÇÃO DE GÊNERO

De modo geral, os homens, principalmente de nível social mais baixo, apresentam maior propensão para consumir bebidas alcoólicas. Em Guimarães e Grubits (2007) em estudos realizados com os Kaingang (PR), Aguiar e Souza (2001) e Langdon (2001) envolvendo a população Terena (MS), foram encontradas proporções maiores de casos de alcoolização referentes ao sexo masculino. Nas aldeias do Marmelos a questão de gênero também marca uma grande diferença quanto ao uso de bebidas alcoólicas.

Não há relatos de que mulheres utilizem álcool entre os Tenharim, pelo contrário, o seu uso esta ligado aos homens que encontram maior liberdade de acesso as bebidas e permissão para o seu consumo. A resposta para esta questão está na diferença entre os gêneros quanto à observância dos costumes tradicionais.

Segundo os próprios Tenharim, as meninas são criadas com maiores restrições, inclusive em relação ao álcool, sendo valorizados, apesar das tentativas de rompimento das mais novas, papéis tradicionais como donas-de-casa, professoras ou AIS. Assim, as ações das mulheres são mais restritas as atividades na aldeia, não sendo estimuladas a ir às cidades. Corroborando com essa descrição Langdon (2005, p.106) aponta para estudos realizados entre os Terena (MS) e os Bororo (MS) onde a diferença de gênero é atribuída a "organização familiar e o exercício dos papéis designados a cada sexo".

[4] Nome que faz referência a sua localização geográfica na Transamazônica.

4.7 A IDADE PARA O CONSUMO E A RELAÇÃO COM O RITO DE PASSAGEM MASCULINO

A idade para o consumo de bebidas alcoólicas entre os Tenharim esta relacionada à iniciação masculina, mas nem sempre foi assim. Os meninos tornavam-se adultos quando iam para a guerra. Mantinham-se fora da comunidade e estavam expostos aos perigos da natureza e à mercê de seus inimigos. Portanto, se encontravam isolados, forçando assim a um desenvolvimento físico e mental. Os sujeitos que retornavam a aldeia, vitoriosos por ter vencido o inimigo, estavam renovados sobre quem eram e qual o seu papel na comunidade, movimento que marcava assim o rito de passagem.

O rito de passagem, descrito pela primeira vez pelo etnólogo francês Arnold Van Gennep (RODOLPHO, 2004), pode ser comparado a uma casa com muitos quartos, onde para passar de um para o outro o sujeito é submetido a formalidades e cerimônias. Assim, entre os indígenas, os principais ritos de passagem são o nascimento. exemplificado pela *couvade*; a atribuição de um nome; ritos de iniciação do jovem na vida adulta por meio do aprendizado de comportamentos; o casamento como marcador de responsabilidades; e por fim o funeral, que é a passagem para outro mundo.

Segundo Rodolpho (2004) os ritos de passagem são manifestados por símbolos criados pelas sociedades e que marcam a modificação de papéis que o indivíduo deverá assumir. Conforme DaMatta (2000), descrevendo sobre o conceito de ritos de passagem de Van Gennep, há três fases: a separação, a liminaridade e a incorporação. O rito de passagem dos meninos Tenharim mantém-se com a característica de reclusão e retorno, porém a *mata* não é mais a floresta amazônica, mas sim a *grande mata* do homem não índio.

Para os adolescentes, a permissão para ir à cidade, sozinhos ou com os amigos, representa um rito de passagem da infância para a juventude. A ida à cidade, por volta dos 12 anos, significa que o menino vem assumindo sua autonomia. Frente à liberdade encontrada nesse episódio, eles aproveitam para consumir o álcool ou comprá-lo para consumir na aldeia.

Porém, a posição assumida de limiaridade, ou seja, de estar entre os não índios e ser índio, pode ser considerada perigosa, pois a individualização ocorrida durante as guerras entre as tribos, com a exclusão do indivíduo do convívio da comunidade e

depois o seu retorno triunfante para assumir o papel de ser adulto, pode estar sendo substituído pelo individualismo.

> Os ritos de passagem tratam de transformar individualidade em complementaridade, isolamento em interdependência, e autonomia em imersão na rede de relações que os ordálios, pelo contraste, estabelecem como um modelo de plenitude para a vida social. (DAMATTA, 2000, p. 23)

A relação do consumo de bebidas alcoólicas e o rito de passagem são citados por Souza, Oliveira e Kohatsu (2003) também entre os Kaingáng. Entre os jovens dessa etnia, no ato de beber estão embutidos atributos como coragem, valentia e força remetendo a idéia de masculinidade.

A possibilidade de ir à cidade sem a presença de um parente responsável e o uso da bebida alcoólica fazem parte do novo ritual de passagem da infância para a vida adulta. Nesta fase é necessário assumir as responsabilidades, portanto ela é liminar e no processo de separação e incorporação pode haver rupturas e o indivíduo poder passar a consumir a bebida alcoólica de maneira individual e ser considerado como um membro da comunidade que não assume seu papel de responsabilidade.

Mesmo antes das idas à cidade, os meninos são procurados pelos companheiros em jogos, festas ou à noite na aldeia para o uso do álcool e de cigarros como forma de divertimento. Segundo Souza (2001) a faixa etária para instalação do evento de alcoolização varia em função de fatores sócio-culturais como permissividade consensual na aldeia, disponibilidade e acesso a bebida.

A permissividade para o ato de beber não é algo declarado. Para qualquer família Tenharim, se for perguntado se há autorização para o uso do álcool a resposta será não. Mas a dinâmica familiar Tenharim mantém uma característica de emancipação dos rapazes, conseguida pela habilidade de caçar, pescar, cultivar a terra e conhecer sobre as questões da natureza, e hoje é marcado pelo compromisso com os estudos e idas à cidade sozinhos. A cada membro é aconselhado o que fazer, mas o indivíduo é responsável pelas suas atitudes. Os meninos, ao serem considerados como prontos para assumir responsabilidades, são respeitados como sujeitos. A família passa a interferir se houver extrapolações às regras de condutas formuladas com base no consenso. É importante frisar que apesar de pertencer a uma mesma aldeia, as famílias possuem variações quanto à forma de lidar com os problemas, decisões e tensões.

A relação entre a idade e o uso da bebida alcoólica tem características especificas. Entre os Tenharim do Marmelos constatou-se menos casos de adultos que

utilizam bebidas alcoólicas quando comparados aos jovens. Este registro foi baseado no que foi visto durante a permanência do pesquisador na aldeia e nos relatos dos próprios Tenharim.

A utilização do álcool por adultos se configura de maneira individualizada e abusiva, o que poderia ser considerado como de caráter crônico. O consumo do álcool pelos adultos nas cidades foi descrito como função de reunião entre não índios e indígenas em situações específicas ou encontros casuais. Porém, também há os casos em que o consumo é realizado individualmente em bares ou de maneira camuflada em dois hotéis da cidade. Esses são os casos relatados como indígenas que todas as vezes que vão à cidade utilizam bebidas alcoólicas, não importando o motivo pela sua ida, mesmo em casos de tratamento de saúde.

Como antigamente, no rito de passagem, a volta da guerra era marcada por um retorno vitorioso e o individuo era incorporado novamente na comunidade. Os Tenharim que entram em contato com as bebidas alcoólicas e a utilizam individualmente são como aqueles que iam para guerra e não conseguiam retornar à comunidade, não venciam os desafios do isolamento.

O relato dos mais idosos aponta que alguns indígenas que havia consumido álcool durante o contato com os não índios permaneceram utilizando as bebidas e se arrependeram devido aos efeitos desagregadores para a comunidade e na saúde. Hoje, associam a bebida a processos de doença que são acometidos, afirmando que os que não consumiram álcool possuem uma melhor aparência física e condições de saúde. E, durante a pesquisa, os idosos assumiram uma posição tradicional de controle em relação ao álcool, tentando aconselhar os mais jovens quanto aos malefícios do consumo.

4.8 AS REGRAS PARA O CONSUMO

Toda comunidade possui regras próprias que norteiam suas ações. Há duas concepções importantes a serem discutidas em relação às normas de consumo de bebidas alcoólicas. A primeira é a descrição das regras definidas pelos Tenharim; a segunda está no fato de que certas regras podem perder o valor quando o indivíduo está em estado de embriaguez.

Quando se trata de temas caracterizados por tensão política, econômica ou social, alguns cuidados devem ser tomados tanto em sua abordagem quanto em sua

interpretação. O uso de bebidas alcoólicas por indígenas é um desses temas. No âmbito político, segundo o Estatuto do Índio, o consumo de bebidas alcoólicas é considerado como um ato ilícito (Lei 6.001 de 19/12/1979). O pesquisador inicialmente é desconhecido e a comunidade mantém-se discreta e responde o que parece ser o mais correto, mesmo que não seja o real. Assim, de maneira imediata as respostas quanto ao consumo de álcool condizem com o escrito na lei.

À medida que o pesquisador também se faz conhecer e a comunidade percebe que sua presença não representa ameaça, os sujeitos passam a ter maior liberdade em expor a realidade em relação ao consumo do álcool. Outro fator que contribui para a qualidade do trabalho é a presença do pesquisador nas atividades e festas, possibilitando assim obter informações que vão além das palavras. Afinal, em alguns momentos os atos representam muito mais do que respostas prontas e politicamente corretas.

Assim, parece ser consenso entre os Tenharim que a bebida alcoólica pode ser utilizada com moderação em dias de festivos como forma de divertimento. O que é classificado como moderação não é definido pela quantidade ou tipo de bebidas a serem consumidas, mas sim pelo comportamento social assumido. O que torna o uso de álcool um problema é o consumo fora dos dias de festas e o beber a ponto de ter comportamentos agressivos e provocar brigas dentro da aldeia ou nas cidades. Parece claro também, que é um consenso entre os Tenharim que nem todos possuem controle para utilizar o álcool de maneira moderada.

De modo geral, as regras para o consumo são quanto à idade, portanto não sendo permitido às crianças. Também há restrições quanto ao sexo, sendo relacionado a um ato para homens, pois as mulheres são consideradas como criadas *na tradição;* assim, aos homens é permitido o alívio do controle social sobre os comportamentos.

Outro fator que está relacionado à normatização quanto ao ato de beber é o estado de saúde atual do individuo, o estado de doença o torna inapto ao consumo do álcool. O estar doente também pode ser influenciado pelo consumo anterior do álcool, conforme relatado pelos mais idosos. Para eles, manter a abstinência ao álcool é uma forma de contribuir para que o estado de doença não se agrave.

Do ponto de vista econômico a compra de bebidas alcoólicas e o estado de depreciação física e mental para o trabalho e estudo, advindos do consumo, são considerados como um fator negativo. Um dos problemas apontados pela comunidade quanto ao uso álcool esta relacionada ao gasto do dinheiro para compra de bebidas, deixando assim de prover à família o necessário para a subsistência. Para alguns dos

entrevistados, se o Tenharim utiliza o álcool, mas não deixa faltar nada para sua família, os demais parentes não interferem em sua ação.

A influência da alcoolização no desempenho escolar também foi apontada. Segundo eles, as bebidas interferem na atenção e aprendizado, tornando-se um efeito negativo para os Tenharim que valorizam muito a educação e a maioria dos jovens pretende dar sequência na educação formal visando nível superior.

O último aspecto, considerado quanto às regras para o consumo, está relacionado à sua flexibilidade em avaliar a conduta do alcoolizado. Essa observação é relatada também por Souza, Oliveira e Kohatsu (2003) entre os Kaingáng, pois em dias de festa as ações decorrentes de situações de embriaguez são relevadas.

Os Tenharim, em dias de trabalho, considerados como impróprios para o consumo de álcool, estariam inseridos em um universo de regras de condutas. O falar baixo, o andar discreto dos adultos e as expressões comedidas são comportamentos esperados. Em dias cotidianos não é comum ver grupos de jovens brincando de empurrar, apresentando gestos extravagantes e manifestações de euforia, mas em dias de comemorações ou à noite em pequenos grupos a severidade dessas regras parece ser afrouxada. Os consumidores de álcool poderiam até mesmo atrapalhar o evento comemorativo, como descrito anteriormente, mas nesse momento o comportamento era aceito pela comunidade pelo fato do indígena estar alcoolizado.

A conotação de não saber o que está fazendo parece ser aceito pela maioria dos Tenharim, desde que não traga prejuízos físicos a nenhum membro da comunidade. Porém, se houver necessidade de assumir alguma atitude frente à alguma quebra de regras de conduta, essa decisão cabe a família.

A esse fenômeno de se valorizar um mesmo evento de maneira diferente, Dias (2008, p.200) aponta como remissão e inversão simbólica: "remissão cultural refere-se à maior permissividade social (...) e inversão simbólica diz respeito ao cancelamento da identidade normal e a adoção temporária da identidade de outra pessoa". A ocorrência desses dois fenômenos durante o consumo das bebidas alcoólicas e as festas instaurava-se em períodos de liminaridade. Quanto a essa liminaridade o autor ainda acrescenta que há um desejo de se visitar esse mundo ideal, mas não viver nele.

4.9 A POSIÇÃO DA FAMÍLIA

A família é a instituição de maior poder entre os Tenharim. Cada família possui seu conjunto de normas embasadas na cultura. Essas normas podem ser consideradas mais rígidas ou mais amenas quando comparadas entre as famílias. A forma de lidar com a alcoolização de um parente é variável entre as famílias do Marmelos. São definidas como:

- famílias que não aceitam o fato de ter um alcoolista;
- famílias que reconhecem a ocorrência de uso de álcool entre os seus membros, mas não considera um problema;
- famílias que possuem um rigoroso esquema de proteção de seus membros em relação ao álcool.

Em relação ao primeiro caso, entre os Tenharim salientam-se dois motivos para que uma família não assuma a existência de um alcoolista. O primeiro está relacionado ao responsável pela família ser usuário de álcool e não admitir a existência do fato, pois assim estaria se auto-incriminando. O segundo motivo está relacionado ao medo que a família sofra preconceitos por um membro alcoolista. Para Goffman (1988), o estigmatizado, aqui pelo uso do álcool, e o normal, possuem papéis complementares. Um justifica o outro. Os parentes encobrem os dependentes, pois todos correm o risco de ser estigmatizados, considerados como anormais.

O segundo tipo são as famílias que reconhecem a existência do alcoolista, mas não identificam o fato como um problema. Essas famílias, durante as comemorações ou quando o parente chega alcoolizado da cidade, flexibilizam as normas de conduta, considerando o fato como um problema digno de atitude somente quando o mesmo torna-se agressivo ou há risco de prejuízo para ele próprio ou para outros. Para os membros dessas famílias os indígenas usavam o álcool e ia para casa dormir, não configurando assim um problema social para a comunidade.

O último tipo de famílias possui esquemas de proteção e punição aos seus membros em relação ao consumo de bebidas. São relatados caos de famílias que amarravam o parente em casa quando alcoolizado alegando que é para *não incomodar os outros membros da aldeia* (mãe Tenharim).

Durante os dias de festa percebeu-se que os parentes procuram acompanhar o alcoolista para casa, amparando-os no caminho, evitando assim quedas ou maior exposição à comunidade.

Em relação às atitudes que visam à prevenção do consumo do álcool, principalmente pelos mais jovens, algumas famílias tomam a atitude de aconselhar. Há um relato apenas da utilização de força física como forma de coerção. Na maioria das vezes, porém, não são utilizadas medidas coercitivas nem para evitar o álcool, nem como forma de punição; pelo contrário, entre os Tenharim o diálogo e o exemplo são muito valorizados.

Porém, a forma de punição mais importante para o alcoolista que a comunidade classifica como um problema ocorre no campo dos processos sociais coletivos. Segundo Durkheim (2002), quando o indivíduo não segue as regras de conduta impostas pelo grupo, o próprio se marginaliza. Entre os Tenharim comprovasse a ocorrência dessa marginalização do indivíduo, em que ele próprio se afasta da família: causa e conseqüência para um processo crônico de alcoolização.

5. OS SUJEITOS

Exposição de desenhos sobre os Tenharim
Crianças do nono ano. Marmelos. Outubro de 2009

5 OS SUJEITOS

A descrição dos significados dos discursos da comunidade de Humaitá e dos Tenharim podem ser agrupados conforme demonstrem conceitos, desejos e valores. O conteúdo do discurso nunca é neutro; ele é marcado pelo confronto de aspectos de forças por vezes ambíguas, como o expor e o proteger o indivíduo e a coletividade, o pertencimento e o afastamento, que podem refletir ou ir contra as convicções e crenças de um sistema coletivo.

A interpretação e apresentação das narrativas são feitas conforme a proximidade do sujeito nas perspectivas não indígena e o indígena quanto ao ato de consumir bebidas alcoólicas entre Tenharim do Marmelos. As entrevistas não foram gravadas; os pontos principais das conversas eram anotados no diário de campo do pesquisador.

As referencias são separadas por membros da comunidade de Humaitá e os indígenas. As respostas encontradas na aldeia são apresentadas conforme classe etária (velhos, adultos, jovens e crianças) e a posição política (ser ou não liderança).

5.1 COMUNIDADE DE HUMAITÁ

Antes de apresentar os discursos dos entrevistados é interessante traçar uma breve caracterização do município de Humaitá. Ele está localizado ao sul do estado do Amazonas, à margem esquerda do Rio Madeira e faz entroncamento com a Br 219 (Porto Velho – Manaus) e a Rodovia Transamazônica. Está limitado geograficamente pelos municípios de Tapauá, Canutama, Manicoré e o Estado de Rondônia. O clima é típico tropical com períodos de chuvas nos meses de outubro a abril, e períodos de estiagem nos meses de maio a setembro. O Rio Madeira, um dos maiores da Bacia Amazônica, é de fundamental importância para a vida dos ribeirinhos, tendo a pesca como uma das fontes de alimento mais importante, além do fato de que o rio é por excelência o meio de transporte.

Em sua história há uma intrínseca relação com os primeiros habitantes do lugar – os indígenas. As principais etnias viviam às margens do Rio Maici (Torá) Rio Marmelo (Tenharim) e Rio Madeira (Parintintin, Pama, Arara e Mura). Em 1723, militares e missionários religiosos já exploravam a região, utilizando a mão de obra

indígena na coleta dos produtos regionais (cacau, andiroba, copaíba, escama de pirarucu, banha de tartaruga, castanha, etc.).

Foram entrevistadas dezessete pessoas na cidade de Humaitá, sempre em locais públicos, com a conversa girando inicialmente em torno de assuntos variados até chegar a questão indígena. Durante as idas e vindas pelas ruas eu tentava seguir a recomendação antropológica clássica: *olhos e ouvidos bem abertos.*

As entrevistas se deram de maneira informal, sendo as perguntas disparadoras relacionadas à frequência com que os indígenas vinham à cidade, o que eles faziam, se havia casos de alcoolismo indígena, a opinião sobre o pedágio e o que a comunidade achava sobre os índios.

De modo geral as pessoas responderam que não era sempre que os índios estavam na cidade. O período de maior fluxo é em função de compra de objetos como alimentos, principalmente no período do mês referente ao recebimento de salários e benefícios sociais.

Quanto à opinião da comunidade sobre os indígenas, houve divergências. Mas, a maioria respondeu que a população da cidade estava acostumada com a presença dos indígenas. As opiniões contrárias são referentes ao descontentamento da população que se queixa do fato dos indígenas possuírem maiores privilégios em relação ao atendimento quando comparado a comunidade em geral: *eles querem ser iguais a gente, mas querem ter mais privilégio que a gente* (funcionária de restaurante).

Esse relato pode ser compreendido considerando o que é descrito por Darcy Ribeiro (1982), como a ambivalência que o indígena vive entre a tendência de permanecer índio ou se assimilar a cultura do não indígena. De um lado, eles exigem seus direitos como indígenas e este fato é muito criticado pela população de Humaitá, mas apesar dos aparentes privilégios, ainda são tratados como inferiores aos demais moradores da cidade. Corroborando com esse conceito, Brandão (1986) aponta que os indígenas, assim como qualquer indivíduo, podem manipular sua identidade, utilizando-a de acordo com o momento, assumindo papéis alternativos frente a relações desiguais.

No que diz respeito ao consumo de bebidas alcoólicas, algumas pessoas da população relataram que anos atrás era comum ver os índios deitados no chão após o uso do álcool. Ligado ao consumo da bebida havia também muitas histórias de confusões nos fins de semana envolvendo os indígenas, mas que atualmente isso não se repetia com tanta freqüência. Alguns informaram que nem mesmo viam os índios consumirem álcool.

Estas respostas levantaram um questionamento que posteriormente foi esclarecido: a diminuição da visibilidade do problema era resultado de um processo de resolução efetiva ou o problema permanecia latente e estava mascarado?

Donos de bares

A utilização de bebidas alcoólicas entre os moradores de Humaitá e os indígenas era algo corriqueiro, não levantando discussões ou indignações quanto as suas consequências.

A medida que me aproximava das pessoas diretamente envolvidas no comércio de bebidas alcoólicas, mais esclarecedor o fato se tornava. A resposta ao questionamento acima logo se concretizou. O consumo de bebidas ainda ocorria, mas agora realizado principalmente nos locais de hospedagem dos indígenas, o que facilitava o acesso, sem que fosse necessário nem mesmo sair pelas ruas da cidade.

Duas funcionárias de um bar, com hospedagem no fundo, classificaram os índios jovens que bebem como *boys, que querem se aparecer para os outros.* Relataram que se colocar um engradado de cerveja do lado deles, bebem até acabarem com todas. Foi citado, também, que o período em que ocorre maior fluxo de indígenas nos bares e hotéis, além da época de recebimento de salários e benefícios, era quando o dinheiro do pedágio era repartido e os homens iam às cidades para gastá-lo.

O local de hospedagem dos índios mostrou-se importante para consumo do álcool. A hospedagem dos indígenas na cidade de Humaitá geralmente ocorre em dois estabelecimentos. Em um dos hotéis o valor da diária, em agosto de 2009, era R$ 10,00 (dez reais). Ao conversar com a funcionária do hotel ela me disse que *seu patrão é muito legal com os índios, deixando que eles fiquem, pois a maioria dos donos de hotel não os aceitam, porque são muito sujos.* O que mais chama atenção neste local foi o fato que em um dos cômodos na entrada do hotel havia uma pilha grande de latas de cerveja vazias. A impressão é que o valor mínimo pela hospedagem não permitia lucro para o dono do hotel, mas sim o consumo de bebidas alcoólicas.

O outro local de hospedagem possuía os quartos nos fundos de um bar facilitando e estimulando o consumo de bebida alcoólica durante a permanência dos indígenas na cidade.

Representante da Secretaria de Saúde de Humaitá

Para ouvir o discurso oficial a cerca do problema oficial, agendou-se uma entrevista com o secretario de saúde do município de Humaitá. Entretanto quando explicitado o assunto, ele considerou mais oportuno conversar com uma profissional da enfermagem. Ela já havia trabalhado com a etnia Tenharim e demonstrou um descontentamento com a comunidade. Em seu discurso estigmatizante, enfatizou que *os índios Tenharim estavam totalmente aculturados.* Assim, a fala da funcionária foi que atualmente eles *buscam os benefícios e não demonstram desejo de cumprir as responsabilidades*.

Em relação ao consumo de álcool relatou que era comum nas festas da cidade de Humaitá o consumo de bebidas como forma de lazer, e que a questão da alcoolização entre indígenas e não indígenas não era um fato discutido como um problema de intervenção dos profissionais de saúde do município.

Representantes da FUNASA, CASAI e FUNAI

A chegada à FUNASA, para o contato inicial com a equipe, foi marcada por certo desconforto em relação ao tema alcoolização, havendo mesmo resistência em dar continuidade a conversa. Havia, porém, uma explicação quatro meses antes da minha visita houve um atrito entre os responsáveis pela assistência de saúde e a etnia Tenharim. A situação de desentendimento foi em relação ao suposto uso de psicoativos por um jovem e o saldo desse episódio foi o total silêncio da parte da FUNASA em relação ao uso de substâncias que alteram a consciência pelos indígenas. A partir desse episódio qualquer problema que envolvia sujeitos alcoolizados era encaminhado para o representante Tenharim no Conselho Distrital de Saúde Indígena.

A alcoolização entre os Tenharim é reconhecida pelos profissionais de saúde da FUNASA, mas a única ação desempenhada por eles é a fiscalização rigorosa na CASAI, para não haver entrada de indígenas alcoolizados na instituição. O motivo para tal atitude foi explicado pela enfermeira: *o ambiente deve ser propício para a recuperação dos doentes, a presença de um indígena alcoolizado não contribuiria para o bem-estar dos institucionalizados.*

Essa medida coerciva, porém, não demonstra contribuir para a abstinência total dos indígenas, pois mesmo com a entrada e saída controlada mediante autorização dos

responsáveis pela CASAI, durante o período da pesquisa houve casos de alcoolização entre os indígenas que estavam em tratamento, acompanhando algum familiar ou mesmo que vieram visitar algum parente.

Nas falas dos funcionários da FUNASA e CASAI percebe-se alguns pontos de tensão na relação profissional e pessoal com os índios. Uma possível razão seria a rotatividade dos funcionários e o grande número deles que aguardam transferências enquanto cumprem ou já cumpriram aviso-prévio para saída do emprego. Os sentimentos relacionados ao trabalho com os indígenas foram principalmente insegurança e falta de autonomia.

Outra instituição visitada foi a sede da FUNAI em Humaitá, sob chefia de um indígena da etnia Parintintin. O processo de alcoolização entre os indígenas da região é um fenômeno reconhecido pela FUNAI. As consequências desse consumo, segundo ele, já foram mais visíveis; o descontrole, quando alcoolizados, levava os indígenas a conflitos com os não índios e entre os próprios indígenas. Com a intervenção da FUNAI, na tentativa de pressionar os comerciantes a não vender bebidas aos indígenas, as ocorrências mais graves envolvendo índios alcoolizados diminuíram bastante.

Mas, apesar dos esforços para evitar o comércio de bebidas alcoólicas, a instituição reconhece a permanência da venda do álcool aos indígenas. Foram citados alguns pontos relacionados ao acesso a essas bebidas. Entre eles o fato da população local ser fisicamente parecida com os indígenas. Segundo o entrevistado, os comerciantes perguntam se a pessoa era índio, se a resposta dada for não, assim a venda da bebida é realizada.

Outro ponto relatado na entrevista foi quanto a localização geográfica da aldeia como ponto facilitador ao comércio de álcool. A ocorrência entre os povos que ocupam a região da Transamazônica apresenta maior incidência de consumo devido ao acesso facilitado às bebidas quando comparado às comunidades com acesso mais restrito, devido à distância dos pontos de comércio.

A vinda dos jovens para a cidade no intuito de estudar também foi apontado como fator determinante para a alcoolização indígena. Segundo o responsável pela FUNAI *em contato com o branco, o jovem passa a querer fazer as mesmas coisas e se divertir da mesma maneira, iniciando o consumo de bebida alcoólica, mantendo o vício mesmo após voltar para a aldeia.*

Em relação ao consumo de bebidas nas aldeias, a resposta foi em conformidade ao Estatuto do Índio. A entrada e o comércio de álcool em aldeia não são permitidos. A recomendação é que o chefe do posto da FUNAI confisque a bebida.

O que diz respeito a percepção da comunidade de Humaitá em relação ao indígena, resposta é que o índio é visto de maneira negativa, associado ao dinheiro proveniente da cobrança da compensação (pedágio) e esse dinheiro poderia ser fonte para custeio do vício ao álcool.

5.2 OS TENHARIM DO RIO MARMELOS

As Crianças

As crianças estiveram presentes em todos os momentos que estive na CASAI e na aldeia. Ouvindo as conversas, elas passam, de modo particular, também a darem suas opiniões. Isso ocorria geralmente após ouvirem alguma coisa com que elas não concordavam ou contando histórias dos acontecidos na aldeia.

A forma aberta e desprovida de mecanismos para amenizar os fatos com que as crianças falam chama muito a atenção. Sempre tomando o cuidado para não instigá-las a falar, pois elas não eram o alvo da pesquisa, deve-se registrar o modo original com que se reportavam. Segundo Silva, Nunes e Macedo (2002, pág.20), as crianças são interlocutoras legítimas e suas falas muito têm a nos ensinar sobre a vida social. As crianças não podem ser consideradas como seres sociais incompletos, passivos ou adultos em miniatura, pelo contrário são "atores sociais ativos capazes de criar um universo sócio-cultural com uma especificidade própria (...)"

Os jovens

Pode-se considerar que os jovens da aldeia do Marmelos produzem um discurso coletivo. As conversas com os jovens ocorreram de maneira informal durante a permanência do pesquisador nas atividades do dia-a-dia e formal durante o encontro na sala de aula para discussão do tema.

A possibilidade de uma abordagem durante as aulas foi muito importante para o desenvolvimento da pesquisa, pois o grupo mais envolvido no consumo do álcool são

os jovens; portanto, sua concepção sobre o ato de beber é ponto chave para embasar uma discussão mais consistente.

Foram entrevistados 32 jovens, sendo 10 do sexo masculino, divididos em dois grupos que tiveram as mesmas perguntas disparadoras. Antes de abordar o assunto do alcoolismo, foram feitos alguns questionamentos visando à aproximação. Um dos aspectos abordados foi em relação ao estilo de corte de cabelo adotado pelos Tenharim, pois a moda, assim como o ato de beber, muito mais do que uma ação, representa a externalização de aspectos da identidade. Se as mudanças ocorrem em relação à forma de lidar com o próprio corpo, isso deveria ser considerado como uma pista de que estavam ocorrendo significativas mudanças no campo cultural.

A moda utilizada pelos meninos, com diferentes estilos e cores fortes como amarelo e vermelho nos cabelos, é um dos pontos que chama atenção de quem chega à aldeia. Durante a conversa na sala de aula, eles afirmam gostar desse estilo. Questionados que em Humaitá jovens da mesma faixa etária não usam aquele tipo de corte de cabelo e de onde e quem era o grupo que estavam seguindo respondem que dos DVDs e televisão. Um dos professores, que também é bem jovem, explica que *eles gostavam de ter estilos que seguem as tendências, fato que não traze prejuízos a nossa cultura.*

Sobre a moda, Cunha (1994) descreve como uma mudança no sistema de referências que não significa alterações étnicas, pois a prática ou o uso de objetos tidos como de brancos não tem o mesmo valor para os Tenharim como tem para os não índios.

A partir da discussão sobre moda, sendo questionados sobre o que achavam do consumo do álcool, de maneira unânime respondem que o consumo de bebidas abusivamente tornava-se um problema. Em relação ao sexo e idade inicial para o consumo de álcool, a resposta foi que somente os homens utilizam bebidas alcoólicas e a idade para seu inicio era por volta dos doze anos. Como já descrito anteriormente essa é a idade que eles podem ir à cidade sem seus pais, em companhia dos próprios colegas.

Discutindo a existência de bebidas alcoólicas na aldeia, o discurso revela a possibilidade de ter acesso ao álcool, principalmente em dias de festas ou quando o trazem da cidade. Quanto ao consumo de álcool nas cidades, afirmam que ocorre entre os meninos com grande intensidade. Um dos alunos relatou que ele mesmo já havia bebido de maneira abusiva em Humaitá.

Sobre o motivo que leva os jovens a consumir o álcool, foram encontradas basicamente três tipos de respostas. A relação da bebida com divertimento, a pressão dos colegas e a falta de domínio próprio. De modo geral, o fator motivador para beber é o convite dos próprios colegas indígenas, que utilizam a bebida na cidade, nos bares, junto com as mulheres e como divertimento.

Essa forma de encarar os efeitos da bebida como divertimento, principalmente quando acompanhada pela música e a dança, é uma concepção comum em qualquer comunidade. O problema, segundo os jovens Tenharim, se encontra na sua utilização de maneira contínua e sem controle, afetando assim a vida familiar (principalmente quando o rapaz já é casado e tem filhos) e escolar.

Os jovens Tenharim dão muito valor ao estudo. Todos, em suas falas sobre desejos para o futuro, têm como meta a continuação dos estudos: cursar uma graduação e ter uma profissão. Aqueles que saíram da aldeia para se profissionalizar são citados como exemplos a serem seguidos por todos. Segundo os jovens, para alcançar esse objetivo seria necessária muita dedicação. Portanto, não podem perder tempo, energia e dinheiro com o consumo exagerado da bebida alcoólica. Para eles, quando bebem e vão para escola não conseguem prestar atenção nas aulas, e aqueles que gostariam de fazer uma faculdade não podem perder os conteúdos das disciplinas.

Permitir que a bebida alcoólica interfira no âmbito familiar, econômico ou escolar é considerado pelos jovens como falta de responsabilidade, percebendo-se nos seus discursos a fala da liderança. Assim, a idéia de que o consumo de álcool de maneira abusiva era um problema de ordem moral, parece ser um discurso incutido nos jovens pelos mais velhos. Eles mesmos falam que foram muito aconselhados pelos professores e familiares quanto ao uso de bebidas alcoólicas de maneira abusiva e que essa mobilização tem como resultado uma diminuição dos casos de índios que ficavam caídos na rua da cidade ou chegam bêbados na aldeia.

Segundo Souza, Oliveira e Kohatsu (2003, p.156) “a responsabilidade em relação à família é um mecanismo importante que reduz o consumo de bebidas durante a semana”. Assim, também entre os Tenharim é possível constatar que frente à motivação da responsabilidade, derivada principalmente dos papéis assumidos no casamento, é possível a um jovem não consumir mais álcool.

Segundo Dias (2008), o consumo das bebidas alcoólicas tem a função de alívio das pressões coletivas sobre o indivíduo. Mas como encontrado entre o povo indígena Uaça, entre os Tenharim também a exploração de situações perigosas decorrente do uso

do álcool reafirma a necessidade de controle. Quando o rapaz se casa e tem uma família passa a temer os danos causados pela bebida.

Apesar das propriedades prazerosas da bebida e a influência dos colegas da própria aldeia, os jovens Tenharim afirmam que existe um fator que se sobressai a todos esses; a escolha que cada pessoa faz para si própria. Declaram que *para não consumir bebida alcoólica é necessário ter uma opinião firme, quem consome a bebida o faz porque quer* (jovem Tenharim).

Já as meninas vêem a bebida alcoólica como algo negativo. Relatam que não utilizam a bebida de maneira alguma, e que não gostam dos meninos quando ficam bêbados, pois segundo elas incomodam por ficarem *chatos e falando besteiras* (Menina Tenharim, 13 anos). Questionadas se namorariam rapazes que bebem, responderam que não, preferem os que não consomem bebida alcoólica, principalmente de maneira abusiva.

Nos relatos dos jovens fica claro que o problema quanto ao consumo de bebidas alcoólicas melhorou nos últimos dois anos, ao que parece, segundo os relatos devido ao aconselhamento das famílias e dos mais velhos sobre os malefícios do uso de bebidas alcoólicas. São citados exemplos dentro das próprias famílias de pessoas que tiveram problemas como acidentes e doenças devido ao consumo exagerado do álcool. Além dos problemas físicos, são apontados também os problemas que o alcoolista encontra no exercício de sua função social na aldeia, posto que sua opinião é a última a ser dada, ou seja, é considerada de menor importância, deixando de *"ter moral"* para aconselhar ou corrigir outras pessoas.

Os jovens também se pronunciam acerca da punição quem utiliza bebida alcoólica. A resposta foi que a própria família é que decide, e que cada um tem sua própria forma de resolver seus problemas. Os outros membros da aldeia não interferem. Não houve relatos de nenhum tipo de punição física.

Em resumo, os conceitos dos jovens sobre o uso abusivo de álcool podem ser resumidos de acordo com a freqüência das frases no discurso deles:

- ***não bebe porque isso não vai te trazer nada de bom;***
- ***a bebida só estraga a saúde da gente;***
- ***quando você bebe você afasta sua família;***
- ***não pode estudar direito;***
- ***a bebida não leva a nada.***

Os adultos

Cada grupo entrevistado possui uma característica peculiar na forma de valorizar o mesmo fenômeno. Entre os adultos foram encontradas diferenças nas falas que variam em relação ao sexo e ao pertencimento a algum cargo de liderança na aldeia. De modo geral, a fala dos adultos é marcada por características menos comedidas quando comparados a liderança, que mantém um discurso equilibrado entre o real e o politicamente correto.

Entre os adultos são encontradas posturas ambíguas; ora de proteção, ora de acusação. Nas famílias em que não há relatos de alcoolistas ou que a situação do consumo havia sido superada, o ato de beber é descrito como: *uma fase e à medida que o índio vai envelhecendo e constitui família abandona o vício. Eles utilizam a bebida por influência do outros* (mulher Tenharim). Porém, nas famílias em que há casos de alcoolização, as mulheres possuem uma fala marcada por um maior pessimismo em relação aos homens que consumiam álcool.

As jovens casadas e adultas são as que mais apontam o consumo de álcool entre os Tenharim do Marmelos como um problema. Relatam que o álcool é utilizado de maneira abusiva. Em seus discursos encontra-se casos de sofrimento familiar, em que o companheiro causa desconforto à mulher por meio de um comportamento intolerante e às vezes agressivo, principalmente na forma de falar e agir,incluindo até mesmo um caso de agressão física.

Os impactos do consumo de álcool relacionados à violência familiar é um dos pontos mais difíceis de serem abordados. O pouco tempo do pesquisador na comunidade, a desconfiança por parte dos entrevistados quanto ao que realmente significava a pesquisa e como essas informações seriam utilizadas tornavam as respostas superficiais em relação ao álcool e atritos familiares.

Algumas pistas encontradas nas falas das mulheres deixam claro haver casos de conflitos familiares decorrentes do consumo do álcool. Porém, além dos fatores citados no parágrafo anterior, outros pontos interferem na exposição do problema pelas mulheres, entre eles a auto-proteção das famílias, configuração patriarcal da sociedade Tenharim e a flexibilidade das normas de conduta quando o indígena está alcoolizado. Segundo relato de uma mulher Tenharim, há alguns anos atrás, quando um homem agredia uma mulher, sua família se reunia no intuito de defender seu parente, punindo o homem. Hoje, se um homem agride uma mulher e está alcoolizado, a família não puni o

marido, pois estando bêbado e sabia o que fazia. Ou seja, o relato de algumas mulheres, entre elas líderes da comunidade, afirmando que não há casos de violência doméstica, não pode excluir os poucos (mas significativos) relatos de sofrimento familiar.

A auto-proteção das famílias é identificada na fala de alguns homens adultos Tenharim. Mesmo após a confirmação do pesquisador que na família dele havia casos de alcoolistas, ele negava a existência do problema. Porém, não houve nenhum dos entrevistados que negasse a ocorrência de consumo de álcool entre os Tenharim, mas alguns não se sentiram à vontade para descrever a ocorrência da mesma entre os seus parentes.

O *outro* também é relacionado à causa do consumo de bebidas alcoólicas entre os Tenharim. A maioria dos adultos e jovens relata que a pressão para o consumo é muito grande, e essa pressão vem dos próprios parentes ou dos não índios. Segundo Campos (2005), no estudo sobre a interpretação da doença em famílias de origens culturais diversas, descreve que os esquemas interpretativos das causas das doenças são possíveis de ser expressos em quatro modelos, que podem conviver entre si numa mesma situação: a auto-acusação, a acusação de um Outro próximo (familiar), a acusação de um Outro distante (estrangeiro) e a acusação da sociedade.

Baseando-se na idéia de necessidade de vencer a pressão exercida pelos outros para consumir as bebidas, os adultos Tenharim avaliam que o caminho a ser buscado é a afirmação de si mesmo, por meio da responsabilidade.

Os idosos

Os idosos, em suas falas marcadas pelo saudosismo, são unânimes em afirmar que o uso do álcool pelos Tenharim é um problema. Entre os problemas citados em relação às bebidas alcoólicas estava às doenças, que segundo eles não tinham cura, eram chamadas de *doenças vindas do costume dos brancos***.** Os idosos relacionam as doenças recentes como câncer, diabetes, hipertensão e as degenerações como advindas da mudança de costumes alimentares, descumprimento de ritos e o ato de beber. *Antes da bebida era bem melhor, não tinha todos esses problemas (Idosa Tenharim)***.**

Assim, os idosos aconselham os mais jovens a não utilizar as bebidas alcoólicas. Citam suas próprias experiências como exemplos das consequências negativas do consumo do álcool. O relato realizado por uma idosa Tenharim explicou como ocorreu o processo de alcoolização entre a sua etnia. Segundo ela, a bebida

alcoólica cachaça foi trazida pelo branco na época da abertura da estrada, e que no início todos bebem, até ela mesma bebeu muito. Mas depois os mais velhos não quiseram mais, pois viram que *a bebida não prestava* e quem permaneceu a beber foram os jovens.

Alguns idosos encaram a atual situação de consumo entre os jovens com um olhar negativo. *Esses jovens não vão conseguir parar de beber depois que envelhecer e vão sentir o peso da bebida depois de velho, isso se antes não receberem o castigo por meio de brigas com os brancos ou entre os próprios parentes. Se eu tivesse seguido os costumes na alimentação, não tivesse gastado dinheiro com bebida não estaria velho e doente como estou hoje (Idoso, líder Tenharim).*

O comportamento dos Tenharim em relação à cultura também é muito questionado pelos mais velhos. Em uma entrevista com um idoso Tenharim ele afirma reconhecer a culpa dos não índios nas modificações que os eles têm enfrentado, modificações estas envolvendo os campos políticos, econômicos e sociais. Mas, que os próprios índios têm sua parcela de culpa: *Os próprios índios não assumem sua identidade, só se lembram que são índios quando precisam do beneficio, mas quando bebem inventam que são donos de fazenda e que são coisas que não são (Idoso, Tenharim).*

A liderança

A liderança é representada, em sua maioria, por homens que desempenham funções de intermediar, aconselhar e decidir sobre assuntos que envolvam a comunidade, principalmente no cenário político. A sua decisão representa a expectativa e os desejos de todo um grupo. Assim, justifica-se nesta dissertação, a importância da opinião da liderança sobre o processo de alcoolização.

De modo geral, havia um consenso entre os líderes sobre a existência de consumo de bebidas alcoólicas, principalmente entre os jovens, fato este que não ocorre apenas na cidade, mas também na aldeia. O consumo ocorre nas aldeias de forma escondida. *As bebidas são compradas e trazidas dentro de mochilas, deixadas no caminho antes de chegar à aldeia ou enterradas na beira do rio para serem consumidas mais tarde (relato de um professor e um AIS Tenharim).*

A valorização do ato de beber não era unânime entre os líderes. Foram encontradas opiniões extremas, desde a opinião que o consumo de álcool entre os

Tenharim não se configura um problema, à valorização de que era um problema e exige soluções, como a não realização de competições para assim não estimular o consumo de álcool.

A causa para a alcoolização também não é unânime. Para um dos líderes que fazia parte do controle social e reside na cidade de Humaitá, o fator que vinha contribuindo para o consumo do álcool era o processo de modificação no aspecto cultural. Em seu relato afirmou que: *eu mesmo estou perdendo a minha cultura. O preço que se paga para viver na cidade, estudar e se relacionar com os brancos é adquirir novos costumes e substituir os antigos***.** Citou o exemplo da festa tradicional M´Botawa, que ocorre apenas uma vez ao ano e mesmo assim nem todos os jovens participam da comemoração.

O entrevistado relatou que *acha a cultura do branco muito forte e influencia a dele, ao ponto de os índios quererem viver como os não índios***.** Segundo ele, nessa situação se encontravam a maioria dos jovens indígenas que moram tanto nas aldeias quanto na cidade.

No Município de Humaitá, no segundo semestre de 2009, havia oito jovens Tenharim morando na cidade em função da educação formal. Segundo uma liderança que morava na cidade, os estudantes no fim de semana frequentam os bares e alguns a boate da cidade, utilizando bebidas alcoólicas de maneira abusiva.

Em relação às consequências do ato de beber, encontrou-se unanimidade em relação à ocorrência de conflitos entre os próprios bebedores, que são resolvidos entre eles mesmos. Segundo relatos, houve apenas um caso de acidente de moto devido a alcoolização e outro de intervenção policial no ano de 2009. Alguns líderes, porém, relataram a ocorrência de conflitos com as esposas, pois geralmente são elas que acompanham o alcoolizado no retorno para casa após o consumo na aldeia. Mas não houve relatos entre os líderes que na aldeia do Marmelos houvesse ocorrido agressões físicas. Segundo o AIS do Marmelo, o comportamento mais comum após a bebedeira era *ficarem conversadores e chorarem sem motivo***.**

A inexistência de casos de agressão era o fato determinante para os que acham que o beber entre os Tenharim não se configura como um problema. Segundo um dos conselheiros idosos do Marmelo, *os jovens bebem para se divertir e não causam mal a ninguém.*

Os jovens sempre são o alvo principal nas falas dos Tenharim, dando a impressão que o consumo só ocorria entre eles. Mas este fato não era verdadeiro e se

confirmou nas falas dos líderes em uma reunião realizada na última visita do pesquisador à aldeia, onde os mesmos solicitaram que os resultados parciais da pesquisa fossem-lhes comunicados. Estes assumiram a existência da alcoolização entre os adultos, fato este confirmado durante as comemorações da aldeia, em fotos de eventos que os Tenharim participaram e durante a estada na cidade de Humaitá.

Os líderes que citaram casos de adultos que utilizam o álcool não falavam de si mesmos, e quando o faziam, era sempre referenciando o passado, alegando que não bebem mais. Em um desses relatos, feito pelo chefe de posto da FUNAI e pastor indígena da igreja batista da aldeia, disse que hoje não consumia bebidas alcoólicas, mas que para ter essa atitude *foi necessário ter muita opinião, uma conduta firme, pois quando um homem se envolve com questões políticas e meios sociais a facilidade para consumir bebida alcoólica é muito grande. Nas reuniões sociais em viagens a trabalho ou cursos é oferecido bebidas como whisky de maneira livre*. Além da religião, ele disse que o que foi decisivo para não utilizar mais a bebida alcoólica foi o seu casamento; ele disse que foi uma promessa feita a sua esposa na primeira noite de casados.

O uso de bebidas alcoólicas pelos homens adultos em comemorações, após reuniões de trabalho e em viagens foi um ponto abordado por mais dois líderes da comunidade. Este fato também foi citado em conversas com funcionários não índios de órgãos relacionados às comunidades indígenas, ficando comprovado que o álcool era utilizado por alguns adultos em eventos sociais na cidade.

Estar presente nas festas também possibilitou comprovar o uso de bebidas alcoólicas por homens adultos, mesmo que em menor proporção, quando comparados com os jovens. Membros da liderança, alguns idosos e homens da comunidade que anteriormente relataram não consumir álcool, durante a festa estavam utilizando-o. Esta constatação foi comprovada pelo seu comportamento extravagante, a fala e o andar descoordenados. Dias (2008) explica que não só o consumo de álcool alivia o controle social, mas também as festas afrouxam as regras e atitudes que não seriam tomadas em dias normais. Em festas não são julgadas com o mesmo rigor, afinal é dia de diversão.

5.3 O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS E A RELAÇÃO COM A DOENÇA

A questão do alcoolismo em comunidades indígenas é uma problemática que pode ser encontrada em muitas aldeias, porém os estudos que registram esse fato ainda são muito escassos. Guimarães e Grubits (2007) fizeram um levantamento e relataram os autores que encontraram taxas de prevalência de uso de bebidas alcoólicas. Entre eles está Aguiar e Souza (2001) com os Terena do Mato Grosso do Sul, que encontraram uma prevalência de 10,1% com índice maior entre os índios acima de 15 anos e os que moravam mais próximo da cidade. Coimbra Jr. *et al* (2003) entre os Kaingáng no Rio Tibagi (PR), encontrou uma prevalência de 29,9% de indígenas que fizeram uso de bebidas alcoólica no último ano, sendo a maior proporção entre homens.

O problema de alcoolismo envolvendo comunidades indígenas não tem ocorrência apenas no Brasil. Em um estudo comparativo realizado por Youg (1994, p.201) relacionando a mortalidade entre não índios e índios norte-americanos desde o ano de 1970 a 1985, demonstrou que a diferença máxima chegou a quase 60% para mais em índios. Além da relação com o índice de mortalidade, o consumo abusivo de bebidas alcoólicas também está associado a infrações como violência e dirigir embriagado. Esse estudo relacionou a introdução da bebida alcoólica nas comunidades indígenas como ocorrência do contato com os não indígenas em busca de assistência a saúde, serviços sociais, sistema de justiça e outros.

Existe uma dificuldade em determinar se o uso de bebidas alcoólicas em uma comunidade se configura como um problema para a mesma, devido aos significados sociais e culturais atribuídos ao ato de beber. O modelo biomédico define o alcoolismo como uma síndrome de dependência ao álcool. Uma doença crônica primária, com fatores genéticos, psicossociais e ambientais que influenciam seu desenvolvimento e manifestações. Possui um caráter progressivo e fatal, caracterizado por um descontrole contínuo ou episódico do comportamento de beber. (LOTTENBERG, TAUB E NICASTRI, 2004; OLIVEIRA E LUIS, 1996).

Porém, Neves (2004) critica esse conceito reducionista em busca de consenso, pois refere que o mesmo se dedica a enfatizar o uso de bebidas alcoólicas com consequências apenas físicas, advindas de um consumo intenso e prolongado de álcool.

Portanto, poderia ser evitado se o bebedor, pelo seu livre arbítrio, assim o desejasse, consagrando o individualismo.

Buscando um conceito menos pragmático e, evitando assim rotular os sujeitos que participaram desta pesquisa, concorda-se com Martatt (2004), quando refere o uso de bebidas alcoólicas como um comportamento apreendido e modelado socialmente, que eventualmente, para alguns indivíduos, traz complicações na área da saúde física e do desempenho social.

Em se tratando do processo saúde/doença não é possível considerá-lo como único a todas as pessoas. É necessário relativizá-lo no contexto social específico de cada cultura, assim, como em qualquer processo, pois as interpretações sobre um fato, que neste caso é o uso de bebidas alcoólicas, modificam-se conforme o tempo e o espaço. Portanto, o ato de beber ocorre conforme o universo social em que está inserido o indivíduo e é realizado seguindo ritos, representações, símbolos e valores próprios de seus membros, que atribuem significados próprios ao consumo das bebidas alcoólicas.

Para Dias (2008) e Sztutman (2008), o problema identificado no consumo de bebidas alcoólicas não está relacionado à quantidade ingerida, mas sim quando representa ruptura da sociabilidade existente entre os sujeitos da comunidade.

De modo geral o consumo de bebidas alcoólicas pode ser classificado pelos indígenas como “social” ou “problemático”. De acordo com Souza, Oliveira e Kohatsu (2003) em sua pesquisa realizada com os Navajos, o beber social caracterizava-se como o consumo entre grupos de homens em grande quantidade e que apesar disso conseguiam ficar muitos dias sem consumir. Já os classificados como problemáticos seriam os que não conseguissem, por si mesmos, parar de beber e consomem o álcool de maneira isolada. Entre os membros da aldeia do Marmelos houve divergências nas opiniões, o que tornou o diagnóstico situacional da comunidade quanto ao uso de álcool um problema fragilizado e sem uma definição unânime.

Um dos objetivos desta dissertação ao abordar os envolvidos no processo de alcoolização entre os Tenharim era a definir se esse ato configurava-se como um problema ou mesmo como doença pela comunidade.

A abordagem sobre o processo saúde-doença como ocorrência de estados de alternância entre equilíbrio e desequilíbrio de fatores que são considerados pela comunidade como primordiais para a existência de um estado de saúde pode ser interpretadas nas falas dos Tenharim do Marmelos. Para eles, o que caracteriza um alcoolista doente é o fato de que após a constituição de uma família, utiliza-se o

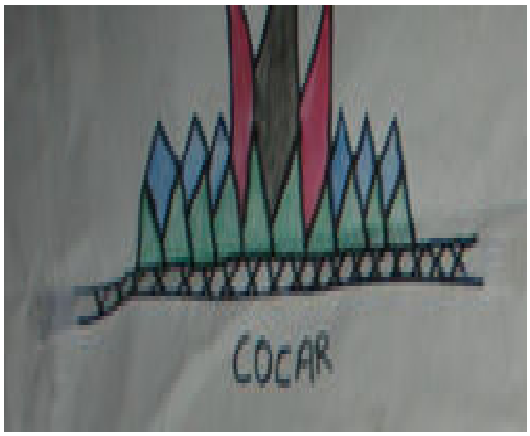
dinheiro da família para a compra de bebidas. Também são apontadas como características de doença a impossibilidade de permanecer satisfeito sem o consumo de álcool, a perda do respeito perante sua família e a posição da comunidade de descrédito quanto a palavra do alcoolista. Também é apontado a permanência na cidade em um estado de *ou'yuga* (alcoolização) e ser classificado como um indivíduo que denigre a imagem do grupo frente a outros membros, neste caso aos moradores da cidade de Humaitá.

Notou-se que a descrição de um Tenharim doente decorrente do consumo de bebidas alcoólicas abordou itens sociais, econômicos e relacionados à identidade do índio Tenharim. Assim, foi possível constatar o caráter social do consumo de bebidas alcoólicas entre os Tenharim, o que aponta que as ações de prevenção e tratamento também deveriam ser baseadas nas relações do grupo e não individualmente.

Para a liderança, os adultos que são classificados como doentes devem usar medicações para inibir o consumo do álcool. Esse fato apontou para uma importante interpretação quanto às causas para um estado de doença devido à bebida alcoólica. Se há uma expectativa de tratamento aos doentes que fossem provenientes do conhecimento do não índio, esse fato aponta a interpretação dos Tenharim em relação ao problema: doença de branco – remédio de branco.

Além da preocupação com os adultos, também relatam o desejo de prevenir o ato de beber entre os jovens, que até então não são considerados doentes. Mas que se não deixarem de beber, ou seja, se o consumo não se caracterizar como passageiro e típico da idade pode levar o indivíduo a tornar-se um doente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Exposição de desenhos sobre os Tenharim
Crianças do nono ano. Marmelos. Outubro de 2009

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do processo de alcoolização entre os Tenharim permite concluir que não há um padrão comum a todos que consomem bebidas alcoólicas, bem como o desfecho dos que consomem não evolui necessariamente para a cura ou doenças seguida de morte, como prevê o modelo biomédico. O que define o consumo do álcool são as configurações sociais, e a partir delas é que se identificam as causas e os eventuais tratamentos, quando a comunidade considerar problemático o consumo. O que se observou, porém, é que com exceção do grupo de jovens masculinos, o consumo na comunidade aproxima-se bastante dos modos de consumo encontrados na sociedade envolvente.

Ao explorar o contexto histórico de introdução e manutenção do consumo de bebidas alcoólicas, constatou-se o papel preponderante exercido pelos brancos na iniciação e estímulo ao consumo de álcool, seja porque este era um hábito consagrado entre os homens que constituíam as frentes de contato, seja porque facilitava a apropriação do território e dos bens nele existentes. De sua parte, os Tenharim contavam essencialmente com as normas culturais e mais recentemente com o protagonismo social e político, para impedir que a alcoolização se tornasse uma epidemia.

A interpretação dada pelos Tenharim ao consumo abusivo de bebidas alcoólicas está ligada principalmente à moral, no sentido de boa conduta segundo os preceitos socialmente estabelecidos pelo grupo. Não ocorrendo um processo de substituição do uso de *Kawỹ* azedo utilizado em rituais e cauinagens pelo consumo do álcool, os Tenharim não aceitaram o uso do álcool como algo liberado e normal a todos. O consumo socialmente admitido, portanto, está relacionado a uma fase da juventude masculina, que deve cessar quando o jovem se casa e assume seu novo papel de responsável por sua família.

Assim, o ato de consumir bebidas alcoólicas entre os jovens Tenharim pode ser relacionado ao rito de passagem da infância para a vida adulta. No modo de vida tradicional a liminaridade, determinada pelo isolamento na mata para guerrear contra os inimigos, significava o afastamento da comunidade e a vivência de uma fase de

autonomia – a individualização. Seu novo *status* de guerreiro era assumido quando o jovem Tenharim retornava da guerra com sucesso, depois de ter "combatido o bom combate", podendo assumir-se plenamente no papel de adulto responsável, apto a casar e constituir família. Na modernidade, com o abandono das guerras, restam poucas opções para que os jovens marquem sua passagem para a vida adulta plena. A própria existência de grupos de jovens sem ocupação definida nas aldeias, rejeitando em maior ou menor grau as formas tradicionais de vida, passando longos anos na categoria de estudante, constitui-se em uma alteração significativa da organização social. Torna-se assim compreensível que eles busquem e o grupo admita novas formas de marcar a passagem para a fase adulta.

O que outrora significou a guerra, por relação metonímica, pode significar na atualidade o consumo de álcool. A viagem e permanência por alguns dias na cidade grande, sempre em grupo, longe dos olhos dos pais e livres das amarras sociais, possibilitam a afirmação da individualidade e da identidade. Porém, esta fase juvenil deve ser superada, e aquele que permanece consumindo a bebida alcoólica de maneira socialmente inadequada seria como o índio que foi à guerra, mas não obteve sucesso. O estigma e a doença têm um caráter marcadamente social, aplicados aos sujeitos incapazes de concluir a passagem para a vida adulta.

A liminaridade presente no atual rito de passagem dos meninos fortalece a necessidade do coletivo, pois ao retornarem da *grande mata do homem não índio*, reafirmam-se quanto a sua identidade Tenharim. Quando os garotos bebem, são autônomos, criando um mundo do *nós,* o que representava o isolamento da comunidade. Neste mundo, por algum tempo, é permitido experimentar ser o *outro,* o não indígena, permanecendo entre o limiar das duas culturas. Porém, quando se casam e criam *responsabilidade*, assim denominada pelos Tenharim*,* isso representa o retorno ao coletivo e, assim, o término do processo de individualização.

Ao considerar a problemática do alcoolismo entre os Tenharim é necessário considerá-la do campo coletivo para o individual. Para a comunidade do Marmelos, o indígena que tinha problemas com as bebidas era aquele que provocava desunião, acidentes, diminuía a produtividade da família, esquecia ou negligenciava sua cultura.

O consumo de álcool é considerado prejudicial por algumas famílias quando se constata o uso indevido do dinheiro, gasto com a bebida ao invés da subsistência, gerando conflitos, mesmo que não sejam marcados por violência física. Além das conseqüências nas aldeias, nas cidades foram relatados casos de problemas judiciais e

acidentes de trânsito envolvendo indígenas embriagados. Estes episódios vinculam, na comunidade de Humaitá, os indígenas ao estigma de bêbados, utilizado pelos moradores da cidade para fortalecer sua exclusão social.

O uso de bebidas alcoólicas torna-se problema para a comunidade do Marmelos nos casos em que interfere na economia das famílias, na forma com que a comunidade é percebida pela sociedade não indígena e pela exclusão dos alcoolistas quanto ao seu poder de decisão dentro do seu núcleo familiar. A manutenção da identidade Tenharim nos jovens também é apontada pela liderança e pelos mais velhos como uma preocupação, pois acreditam que alguns jovens não conseguiriam deixar de consumir as bebidas alcoólicas.

A preocupação quanto à manutenção da identidade remete o problema para além de fatores econômicos, políticos e ambientais mais imediatos, devendo-se ampliar a discussão, quando se refere às comunidades indígenas, para a sustentabilidade social. O uso de bebidas alcoólicas de maneira abusiva aponta para a necessidade de ações em conjunto, para que esse fenômeno não interfira no desenvolvimento sustentável da comunidade Tenharim.

A partir da descrição sobre o consumo de bebidas alcoólicas entre os Tenharim é momento de refletir sobre quais os possíveis caminhos a serem percorridos visando à prevenção e tratamento do problema envolvendo o álcool. É certo que a maior visibilidade dada ao problema da alcoolização pela liderança Tenharim foi determinante para modificar a situação alarmante descrita no Conselho Distrital de Saúde Indígena no ano de 2007.

Nas falas dos Tenharim fica claro que a questão do consumo de bebidas alcoólicas nas aldeias não se encontrava em discussões, reflexões ou intervenções da parte da própria comunidade. Antes que se perdesse o controle, porém, houve um movimento das famílias e lideranças do Marmelos para tentar reduzir o problema, utilizando-se do aconselhamento realizado pelos mais velhos, pelos líderes, bem como os professores e AIS.

Os relatos demonstram que, após uma forte "campanha educativa" contra o álcool, principalmente dentro das aldeias, a ocorrência de situações extremas como acidentes e a precariedade de alguns indígenas caídos nas ruas após a bebedeira diminuiu significativamente, embora não tenha desparecido de todo. Pode ser constatado que o problema tornou-se camuflado por condutas mais discretas, socialmente aceitas, relatadas pelos próprios Tenharim.

Para pensar em qualquer forma de prevenção e tratamento aos alcoolistas considerados doentes é preciso considerar que o consumo de bebidas alcoólicas é o resultado entre a interação da substância, disposição psicológica e o contexto do consumo. Da mesma forma, a responsabilidade pela prevenção e tratamento dos indivíduos considerados como doentes não é de responsabilidade apenas da comunidade, mas sim de todos os órgãos envolvidos na questão indígena. O Pólo da FUNASA, em Humaitá, assume uma posição de abster-se quando o assunto é alcoolismo ou uso de drogas, ficando assim uma lacuna na assistência do ser humano como um todo.

É inadiável o processo de discussão entre os profissionais de saúde e os indígenas para que sejam definidos os papéis de cada um no que se refere a ações relacionadas ao consumo de álcool. É indiscutível que cada setor governamental envolvido (FUNAI, FUNASA, SEMED), liderança e a comunidade devem definir o significado do beber, quando isso se torna abusivo, quando é considerada uma doença e conseqüentemente necessita de ações assistenciais.

Os próprios Tenharim reconhecem a necessidade de organizar o atendimento às pessoas com problemas com o álcool que sejam apontadas por eles como doentes. Assim, é necessária a realização de capacitação da equipe multiprofissional que compreenda os aspectos sócio-culturais, para que atuem no tratamento e prevenção de abuso de bebidas

A relação do consumo de bebidas e a responsabilidade está presente na grande maioria dos relatos dos Tenharim do Marmelos. Mas, é necessário que os próprios Tenharim reflitam sobre algumas questões do seu universo cultural: como se cria responsabilidade? A responsabilidade está relacionada à identidade? A inserção desse novo grupo - os jovens solteiros - na sociedade indígena vem ocorrendo de maneira adequada? Os ritos de iniciação estão contribuindo para a constituição de um adulto que mantém sua identidade Tenharim?

A identidade de um etnia indigena não é uma construção isolada, mas sim um processo dinâmico de interação interna e com outros grupos étnicos. E a interação com o *outro* não produz apenas fragmentação, desde que os indivíduos sejam capazes de conservarem as bases identitárias por meio de uma reflexão contínua de sua própria cultura.

Não há, evidentemente, respostas prontas e soluções acabadas. O que se percebe são possíveis caminhos e alternativas que devem ser discutidas e acordadas

entre todos os atores sociais envolvidos. A colaboração e coesão dos lideres é o ponto inicial para a mobilização de organizações e da comunidade. O trabalho de prevenção e controle ao alcoolismo em comunidades indígenas não é uma tarefa fácil e é fragilizada pelo despreparo dos envolvidos em abordar o tema. Reconhecer a alcoolização como um possível agravo importante à saúde e estabilidade social, compreender as suas diversas interfaces, envolver a comunidade, considerar a sua ocorrência não como individual, mas como parte do todo, são princípios que respeitam as especificidades de cada comunidade, a sua realidade local e proporcionam o desenvolvimento social sustentável.

REFERÊNCIAS

ABSTINÊNCIA. In: FERREIRA, Aurélio Buarque De Holanda (Autor). **Dicionário Aurélio ilustrado**. Curitiba: Positivo, 2008, 560 p.

ACIOLI, Moab Duarte. **O processo de alcoolização entre os Pankararu: Um estudo em etnoepidemiologia.** 2002. 339 p. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Departamento de Ciências Médicas, Unicamp, Campinas. Disponível em: http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000250726. Acesso em: 23/09/2009.

AGUIAR, Ivan, SOUZA, Juberty Antonio. A Ingestão de Álcool Etílico e Enfermidades Associadas. In: **Seminário sobre alcoolismo e vulnerabilidade às dst/aids entre os povos indígenas da macrorregião sul, sudeste e Mato Grosso do Sul.** 2001, Londrina. Anais. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi. **Jovens indígenas e lugares de pertencimento.** São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Laboratório de Estudos do Imaginário, 2007.

BEPPLER, Priscila Espindola. **Teorias explicativas para o alcoolismo entre mulheres exusuárias de álcool freqüentadoras de um grupo de autoajuda da grande Florianópolis.** 2006. 70 p. Projeto (Graduação em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Relatório do Vigisus 2009.** Disponível em: http://www.funasa.gov.br/internet/arquivos/vigisus/Vigisus_saudeIndigena.pdf. Acesso em: 05/01/2010.

BRASNATUS. **Sangue de Dragão.** Disponível em: http://www.brasnatus.com.br/Sangue_de_Dragao.htm. Acesso em 15/04/2010.

CAILLÉ, Alain. **Nem holismo nem individualismo metodológico. Marcel Mauss e o paradigma da dádiva.** Revista Brasileira de Ciencias Sociais, vol 13 n 38 São Paulo oct. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300001. Acesso em 23/05/2009

CAMPOS, Edmilson Antunes. **O alcoolismo é uma doença contagiosa? Representações sobre o contágio e a doença de ex-bebedores.** Ciênc. saúde coletiva vol.10 suppl.0 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232005000500027&script=sci_arttext. Acesso em: 14/11/2009.

COIMBRA JUNIOR, CEA; SANTOS, RV; ESCOBAR, AL. **Epidemiologia e saúde dos povos indígenas no Brasil.** Rio de Janeiro: FioCruz, 2003.

COLOMA, Carlos. **O Processo de Alcoolização no contexto das Nações Indígenas.** In: **Seminário sobre alcoolismo e vulnerabilidade às dst/aids entre os povos indígenas da macrorregião sul, sudeste e Mato Grosso do Sul.** 2001, Londrina. Anais. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

CUNHA, Manuela Carneiro. **O futuro da questão indígena.** Estudos avançados 8 (20), 1994.

DAL POZ, João Neto. **Dádivas e dívidas na Amazônia**. 2004. 346p. Tese(Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DAMATTA, Roberto. **Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade.** MANA 6 (1) 7-29, 2000

DAVIS, Shelton H. **Vítimas do Milagre: o desenvolvimento e os índios do Brasil.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

DIAS, Laércio Fidelis. Usos e abusos de bebidas alcoólicas segundo os povos indígenas do Uaça. In: **Drogas e cultura: novas perspectivas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

ERMEL, Priscilla Barrak . **O Sentido Mítico do som: Ressonâncias Estéticas da Música dos Índios Cinta-Larga.** 1988. 234 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais da Universidade Pontífice Católica, São Paulo.

FERREIRA, Luciane Ouriques. A Pesquisa Antropológica como Ação: o caso exemplar do Projeto de Redução dos Danos causados pelo Uso Abusivo de Bebidas Alcoólicas entre os Mbyá-Guarani no RS. In: C**ongreso Latinoamericano de antropología, 2005, rosário. Congreso Latinoamericano de antropología.** Rosário : Escuela de Antropología de la Facultad de Humanidades y Artes, Universidad Nacional de Rosario, 2005. Disponível em: http://www.ciesas.edu.mx/lerin/doc-pdf/ouriques-16.pdf. Acesso em: 24/03/2010.

FREITAS, José Garcia de. **Os Índios Parintintin.** Journal de la Societé des Américanistes, Paris : Societé des Américanistes, n.18, n.s., p. 67-73, 1926. Disponível em http://jsa.revues.org/. Acesso em: 24/03/2010.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4 ed. São Paulo:LTC, 1988.

GRUPIONI, Luis Donizete Benzi (Org). **Índios no Brasil.** Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994. 280 p.

GUIMARÃES, Liliana A. M., GRUBITS, Sônia; **Alcoolismo e violência em etnias indígenas: uma visão crítica da situação brasileira.** Psicologia & Sociedade; 19 (1): 45-51; jan/abr. 2007. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/seerpsicsoc/ojs/include/getdoc.php?id=1427&article=101&mode=pdf. Acesso em: 24/10/2008.

LANGDON, Esther Jean M. O que Beber, como Beber e quando Beber: o Contexto Sociocultural do Alcoolismo entre as Populações Indígenas. In: **Seminário sobre alcoolismo e vulnerabilidade às dst/aids entre os povos indígenas da macrorregião sul, sudeste e Mato Grosso do Sul.** 2001, Londrina. Anais. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

_____. **O abuso de álcool entre os povos indígenas do Brasil: uma avaliação comparativa.** Tellus, ano 5, n8/9. Campo Grande. Abr/out, 2005. 103-124 p.

LOTTENBERG, CL; TAUB, A; NICASTRI, SO. **O alcoolismo e seus significados.** Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.20, n 1, p.23-24, jan-fev. 2004.

MALINOWSKI, B.K. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia.** 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARLATT, Beatriz Carlini. **Debate sobre o artigo de Delma Pessanha Neves.** Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.20, n 1, p.23-24, jan-fev. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2004000100012&script=sci_arttext. Acesso em: 15 /02/2010.

MARTINI, Gabriela Cardoso. **O uso de bebidas alcoólicas e o "modo de ser Guarani".** 2005. Disponível http://www.ufrgs.br/tramse/educ/2005/04/para-refletir-sobre-as-diferenas.htm. Acesso em 05/01/2010.

MARTINS, Mônica Mastrantonio. **A questão do tempo para norbert elias: reflexões atuais sobre tempo, subjetividade e interdisciplinaridade.** Revista de Psicologia Social e Institucional. Volume 2 - número 1 - jun./2000. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n14.htm. Acesso em 24/01/2010.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva.** São Paulo: Edições 70, 2001.

MENÉNDEZ, A. Miguel. A área Madeira-tapajós Situações de contato e relações entre colonizador e indígenas. In**: História dos índios no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras. Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP. 1992. Disponível em: http://books.google.com.br/. Acesso em 23/01/2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini. **Línguas indígenas no Brasil contemporâneo**. In: Índios no Brasil / Luis Donizete Benzi Grupioni, org. - 3ª ed. - São Paulo: Global; Brasília : MEC, 1998.

NEVES, Delma Pessanha. **Alcoolismo: acusação ou diagnóstico?** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 20(1):7-36, jan-fev, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000100002. Acesso em: 15 de fevereiro de 2010.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Os índios Parintintin do rio Madeira**. Journal de la Société des Américanistes, Paris : Société des Américanistes, v. 16, 1924, p. 201-78. Disponível em: www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/jsa_0037-9174_1924_num_16_1_3768

OLIVEIRA, Marlene. Alcoolismo entre os Kaingáng: do sagrado e lúdico à dependência. In: **Seminário sobre alcoolismo e vulnerabilidade às dst/aids entre os povos indígenas da macrorregião sul, sudeste e Mato Grosso do Sul.** 2001, Londrina. Anais. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

OLIVEIRA, Eliene Reis*;* LUIS, Margarita A. Villar. **Distúrbios relacionados ao álcool em um setor de urgências psiquiátricas.** Ribeirão Preto, Brasil (1988-1990). Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 12(2):171-179, abr-jun, 1996 Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/csp/v12n2/1502.pdf

OTT, Miguel Teixeira. **O Alcoolismo, a Violência de Gênero, os Transtornos Mentais, o Suicídio e o Homicídio no DSEI Porto Velho.** Projeto de pesquisa Projeto: PROJ_110_169210821 apresentado ao Departamento de Ciência e Tecnologia/Ministério da Saúde. 2007.

PEGGION, Edmundo Antônio. **Forma e função: uma etnografia do sistema de parentesco Tenharim Kagwahív-AM.** 1996. 126 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)– Universidade de Campinas, Campinas,1996.

_____ **Relações em perpétuo desequilíbrio: a organização dualista dos povos Kagwahiva da Amazônia,** 2005. 307 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo.

_____ **Ritual e vida cotidiana no sul do Amazonas: os Tenharim do rio Marmelos.** Perspectivas, São Paulo, 29: 149-168, 2006. Disponível em http://seer.fclar.unesp.br/index.php/perspectivas/article/viewFile/36/29. Acesso em 14/05/2009.

POLIT, Denise; BECK, Cheryl Tatano; HUNGLER, Bernadette **Fundamentos de pesquisa em enfermagem.** 5 ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

QUILES, Manuel Ignácio. **Mansidão de Fogo: Um Estudo Etnopsicológico do Comportamento Alcoólico entre os Índios Bororo de Meruri, Mato Grosso.** 2000, Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Departamento de Saúde Coletiva, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização – integração das populações indígenas no Brasil moderno.** 3ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

ROCHA, Ana Luíza Carvalho; ECKERT, Cornélia. **Etnografia saberes e práticas**. In: CIÊNCIAS HUMANAS: PESQUISA E MÉTODO. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

RODOLPHO, Adriane Luisa. **Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica**. Estudos Teológicos, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.

SAMPAIO, Wany. **Estudos comparativos sincrônico entre o Parintintin (Tenharim) e o Uru-eu-uau-uau (amandova): contribuições para uma revisão na classificação das línguas Tupi Kawahib.** 1997. 106 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas. Disponível em: http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000127556. Acesso em 23/09/2009.

SAMPAIO, Wany; SILVA, Vera. **Os Povos Indígenas de Rondônia: Contribuições para a compreensão de sua cultura e de sua história.** Porto Velho: Editora da UNIR, 1997. p. 29-32.

SANTOS, Laymert Garcia. **Amigos dos índios, o trabalho da comissão índios no Brasil**. In**:** INDIOS NO BRASIL. Brasil Ministério da Educação e do Desporto. Brasília, 1994. Disponível em: http://www.scribd.com/doc/15085440/INDIOS-NO-BRASIL-GRUPIONI. Acesso em 23/01/2010.

SILVA, Rosana Aparecida. **Os Tenharim: a pessoa, o corpo e a festa. Dissertação de mestrado.** 2006. 173 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, UNESP, Araraquara. Disponível em: http://seer.fclar.unesp.br/index.php/estudos/article/viewFile/844/702. Acesso em: 15/10/2009.

SILVA, Aracy Lopes da; NUNES, Angela; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva. **Crianças indígenas: ensaios antropológicos.** São Paulo: Global, 2002.

SOUZA, Maximiliano L. P., GARNELO, Luiza. **Quando, como e o que se bebe: o processo de alcoolização entre populações indígenas do alto Rio Negro**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 23(7):1640-1648, jul, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n7/15.pdf. Acesso em: 15/03/2009.

SOUZA, Jubert Antonio; OLIVEIRA Marlene; KOHATSU Marilda. O Uso de bebidas alcoólicas nas sociedades indígenas: algumas reflexões sobre os Kaingang da Bacia do Rio Tibagi, Paraná. In: **Epidemiologia e saúde dos povos indígenas no Brasil.** Rio de Janeiro: FioCruz / ABRASCO, 2003, p.149-167.

SZTUTMAN, Renato. Cauim, substância e efeito: sobre o consumo de bebidas fermentadas entre os ameríndios. In: **Drogas e cultura: novas perspectivas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

VERDUM, Ricardo; MOREIRA, Lucimar. O desafio da segurança alimentar e do desenvolvimento indígena sustentável. IN: **Assistência técnica e financeira para o desenvolvimento indígena.** Rio de Janeiro/ Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, Ministério do Desenvolvimento Agrário. 2003.

VILAÇA, Aparecida. **O que significa tornar-se outro? Xamanismo e contato interétnico na Amazônia.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, 15 a 44 outubro: 56-72. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4147.pdf. Acesso em: 23/11/2008.

YOUG, T. Kue. **The health of Native Americans Toward a biocultural epidemiology.** Oxford university Press. New York.1994